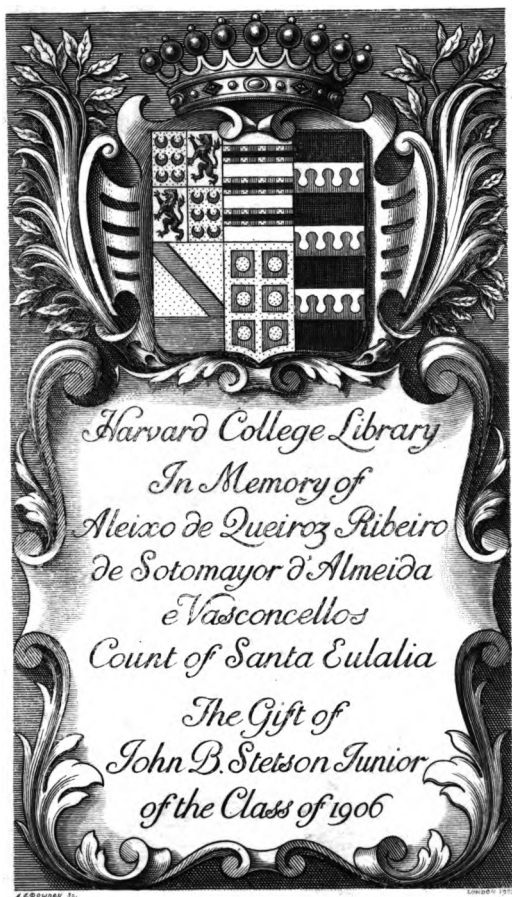
Tratado de armaria (technica e regras do brasão ...

Joaquim Augusto Corrêa Leite Ribeiro

J. A. Corrêa Leite Ribeiro

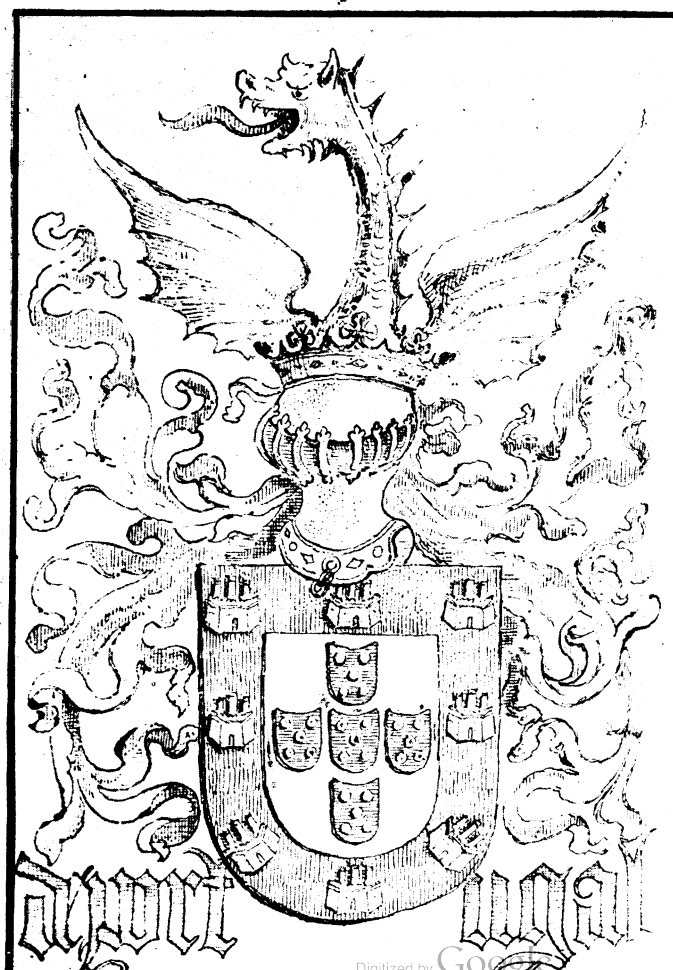
Tratado de Armaria

Precedido de apreciações dos escriptores

Visconde Julio de Castilho

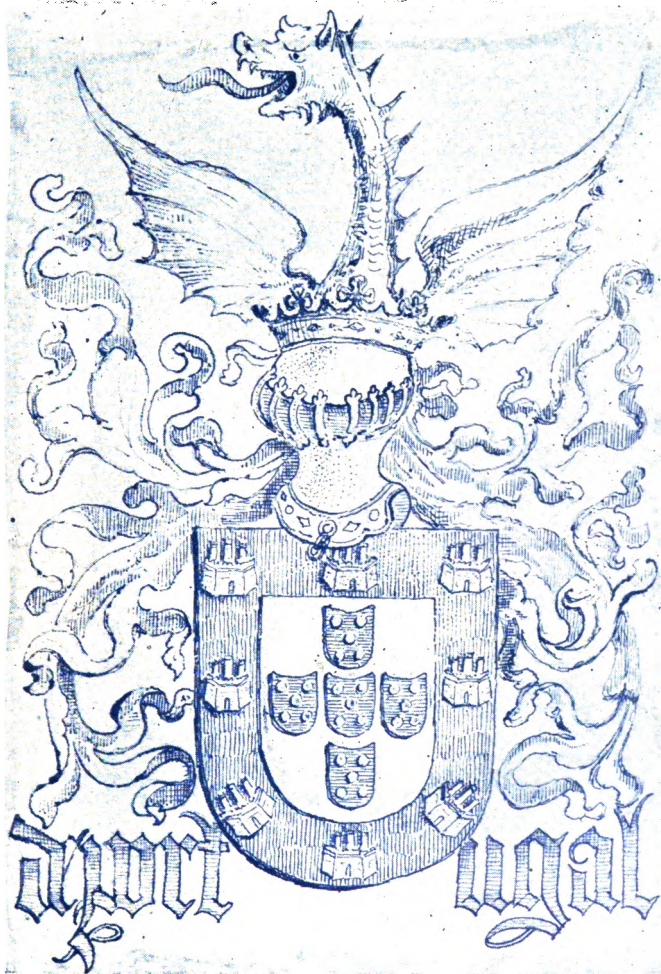
e

Dr. Sousa Viterbo

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL: LIVRARIA MODERNA : RUA AUGASTA 95: LISBOA : MCMVIII

TRATADO DE ARMARIA

dport
ugal

J. A. CORRÊA LEITE RIBEIRO

*

TRATADO DE ARMARIA

(TECHNICA E REGRAS DO BRASÃO D'ARMAS)

ORNADO DE NUMEROSAS GRAVURAS

PRECEDIDO DE APRECIAÇÕES DOS ESCRIPTORES

VISCONDE JULIO DE CASTILHO

E

DR. SOUSA VITERBO

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
Livraria Moderna, R. Augusta, 95 | Typographia R. Ivens, 45 e 47
1907

AO

Visconde Julio de Castilho

e ao

Dr. Souza Viterbo

Consagra este trabalho

O Auctor.

DUAS PALAVRAS DE PROLOGO

Uma das uteis disciplinas de outr'ora mais inuteis hoje, é a Arte do Brasão.

Esta banal sentença, estampada assim no frontão de um tratado da especialidade, parece insultuosa e contra-producente; pois não é; contém em si uma lástima do esquecimento em que deixaram afundir-se entre nós a veneravel e prestimosa Heraldica.

Quem estas linhas escreve, lamenta que em geral se desconheçam, não só as regras, mas até a historia de tal Arte, e applaude quanto sabe os que se lhe dedicam. Applaude portanto o sr. Joaquim Augusto Corrêa Leite Ribeiro, que entre as suas pesadas e melindrosas occupações encontrou meio de escrever este livro. Succinto e singelo como parece, custou-lhe certamente insano trabalho, que nem todos poderão cabalmente avaliar. Isso de devassar o campo do passado é tarefa sempre árdua; e n'estas paginas faceis, de estylo sóbrio e rapido, de

preceitos que parecem futeis, sobre assumptos seu tanto esquecidos, vai uma somma consideravel de investigação por entre os escombros das sociedades mortas.

*

Fazia respeito, quando divagavamos pela Provincia, topar n'um sitio ou n'outro, no fundo de um valle entre arvoredos, na quebrada de uma serra entre penhascos, as vivendas dos antigos morgados, ainda adornadas dos primitivos brazões. Ha o que quer que seja de solemne na evocação que uma simples pedra de Armas consegue, dos antigos heroes, que a poder de valor conquistaram aquellas insignias. Muda, ennegrecida, muita vez mutilada, aquella pedra é testemunha de um passado glorioso; no meio do silencio do campo é um grito de guerra, um brado pela Patria e pela Fé. N'esse anachronismo de leões rompentes, leões batalhantes, elmos, castellos, braços armados, aguias desfraldadas, n'esse contraste de ideias bellicas com o pacifico sorriso de um recanto provinciano, ha encanto indizivel, que aos mais desprevenidos consegue enlevar. A poesia da Historia illumina o brasão de Armas. As paredes ennegrecidas do predio, as suas janellas rendilhadas, os seus telhados de cupola, as suas velharias solarengas, realça-as, nobilita as, aquella pedra carcomida envôlta em heras; liga as gerações de hoje com as gerações antigas que por ali se

criaram, e d'ali abalavam de montante em punho para longes terras. Aquella pedra é o elo affectuoso entre avoengos e netos; é o epitaphio figurado de muitos feitos illustres, e de muitas dedicações.

¿Quem ha que não sinta isso tudo, ao fitar os olhos no chão de um templo alcatifado de campas armorejadas? ¡Quantos nomes notaveis, quantas ideias grandissimas, nos não falam de baixo de cada lápide!

Quando o pae mostra e explica aos filhos aquelles hieroglyphos, relevados por um humilde canteiro sobre um escudo de pedra lioz, ou cuidadosamente pintados por um curioso debuxador, a bico de pincel, no pergaminho hereditario, está, sem o suspeitar, folheando algumas paginas no livro da nossa chronica peninsular, e trazendo ao presente o vago perfume das eras desapparecidas. Ensinar a venerar os symbolos honrosos que os maiores, avós dos nossos avós, souberam merecer, é glorificar a ascendencia, e incutir brios na descendencia. O attavismo vale immenso; faz milagres.

*

A tudo porém chega a ruina. O Brasão, que era um diploma, uma glorificação dos avoengos, um incitamento aos netos futuros, decahiu.

Decahiu, por dois motivos principaes: 1.º — concederam-se com demasiada largueza as cartas de brasão; El-Rei D. Affonso V foi n'isso,

com as suas longanimidades, um democratisador pouco acertado talvez; 2.º — a decadencia da Genealogia trouxe implícita a da Heraldica.

Antigamente o nobre (mormente o provinciano, a quem as horas sobravam) timbrava de consumado genealogista; a maior parte dos tombos de linhagens são redigidos por gente nobre. ¿Como se explica isso? muito bem: é que os morgados tinham que esperar successões n'outros vinculos, e por isso consideravam dever de administração prudente manter sempre prontos, á primeira voz, todos os documentos da sua habilitação. Com a extincção dos vinculos caducou essa tarefa, e a Genealogia degenerou em simples passatempo de curiosos, ou subiu a material, mais ou menos authentico, de historiadores.

Ora a Heraldica, sempre tão ligada com a Genealogia, seguiu o destino da sua irman, e estagnou-se; sem o esteio da linha vincular, perdeu a maior parte da sua força, e pouco diz hoje em dia.

Já lá cantava (muito antes do terremoto de 1834) o Abbade de Jazente:

> Eu não creio que a nossa Fidalguia
> procedesse de Adão, que era um coitado,
> um paizano, que nunca andou calçado,
> um pobre, que de pelles se vestia.
>
> Não teve Armas, Brasões, nem possuia,
> por prova de ser nobre, algum morgado...

Não possuia; é certo; mas, a despeito de todas as philosophias democraticas, a queda da Arte heraldica foi um mal, porque se perderam irremediavelmente duas coisas: uma documentação historica, muito interessante quando authentica; e o modo de premiar o benemerito no que elle mais ama: nos seus descendentes.

*

A Humanidade tem o mau sestro de rir de tudo; é opposicionista por indole; até se ri de si mesma. Nos dias de Tolentino, ainda tão tradicionaes e cortesãos, já percebemos no eminente poeta um vago sorriso de mofa, ao desenhar com quatro traços de lapis o afidalgado fanfarrão, que

mostra no teliz bordados
dois cães e quinze leões

Seja assim; riâmos tambem, já que o rir é contagioso; mas notemos que, se Adão não teve brasão d'Armas, elle, o *primeiro* homem do seu tempo, é que se não usava; nem o sujeito faria talvez acção por que o merecesse. No correr dos seculos, quando os netos do mesmo Adão se multiplicaram pelo orbe, quando a maldade, que a serpente espalhava, e que herdámos, campeava em toda a parte, quando se inventavam premios para a virtude, e galardões para o valor pessoal, houve um Soberano (fosse elle Clovis, ou Dagoberto), que instituiu uma bella

manhan na sua Côrte certos funccionarios de cathegoria e representação, e muito vistosos, chamados Reis d'Armas.

Entendia-se então, que toda a Monarchia precisava ter em sua volta, como anteparo, como companhia, como conselheira, a Nobreza de raça; que essa Nobreza devia conservar-se, moralmente sempre digna, genealogicamente sempre pura; que, para a conservar, era indispensavel manter junto d'ella uma especie de superintendencia, a fim de que a vaidade innata no homem não conseguisse transtornar a verdade. E tudo isso se fez. Criaram-se os magistrados intitulados *Reis d'Armas*.

¿Reis?! soceguem os escrupulos. Reis, sim, mas não soberanos. Esse titulo provinha-lhes, pela linha etymologica, do verbo latino *regere*. Regiam; isto é: governavam nas materias heraldicas e genealogicas; como quem dissesse: eram védores, superintendentes, directores, reguladores, de taes assumptos.

Havia-os na Côrte, junto ao Monarcha, e havia-os na provincia. Os districtaes organisavam, e iam successivamenre acrescentando, as arvores de geração dos Nobres da sua circumscripção; de anno a anno remettiam ao Rei d'Armas principal, residente junto ao Soberano, essas costaneiras genealogicas enriquecidas com as ultimas allianças ou os ultimos nascimentos. Elle dispunha-as n'um tombo geral, que assim ficava constituindo o registo exacto das familias ou casas, gentilicias.

Em França o maioral tinha o titulo de *Montjoye-Saint-Denis;* o de Inglaterra é *Garter*. Portugal mantém ainda os Reis d'Armas *Portugal, Algarve* e *India,* os Arautos *Lisboa, Ceuta* e *Gòa,* os Passavantes (corruptella dos *Poursuivants* francezes) *Santarem, Tavira* e *Cochim.* Velharias que não fazem mal a ninguem, e trazem em si mesmas o respeitavel mugre dos seculos.

A queda dos privilegios inherentes ao patriciado, a subida da onda popular, levaram esses cargos, hoje pouco mais que honorificos e ornamentaes, a inevitavel decadencia.

Ao desabar da Genealogia, que no nosso tempo é apenas argamassa da Historia, quiz ainda oppôr-se a Heraldica; via-se que tinha saudades dos dias do seu esplendor; tentou resistir ao temporal; e (como se vê) continúa a distribuir brasões novos, lá de sua invenção, a quem tem a veleidade de os mandar pintar na portinhola da carroagem, ou esculpir no *cachucho* do annullar. Tambem encarta nos escudos antigos um ou outro retardatario, amador consciencioso do que já lá vai.

E' curioso vel-a na sua faina, a perseverante Heraldica, regendo uma repartição aninhada á sombra do Paço, dirigida pelo Escrivão da Nobreza. E' muito interessante vêl-a, de todo alheia ao *Diccionario contemporaneo,* cultivando no

seu antro a sua linguagem essencialmente symbolica, os seus hieroglyphos interessantes, que nos falam da nobre cavallaria, e do seu cortejo de fabulas consagradas pela lenda e pelo romance. De todo esse thesoiro de preciosidades, se tornou a Heraldica depositaria fiel e incorruptivel. Tem uma arca de Noé de bicharia exotica, aguias, leões, e outros, como os não possue a Historia-natural; tem um arsenal de arnezes militares interessantissimos, que fariam hoje a opulencia do Museu de Artilharia; tem uma astronomia sua, de que Flammarion pouco saberá; tem uma botanica especial; tem, em summa, um falar todo seu, encantador de energia, singeleza e ancianidade.

Tudo em volta d'ella mudou.

O Rei, successor do seu reformador el-Rei D. Manuel, já não governa pelo *quero, posso e mando;* é um Magistrado constitucional, que jura o seu cargo (como qualquer outro funccionario), e deve contas ao Paiz, como o Ministerio as deve ás Côrtes, como todos as devem aos seus chefes. O Rei preside aos Parlamentos populares, mas ao mesmo tempo concede brasões d'Armas.

O Nobre não é já apenas um brigão mata-Moiros vestido de ferro, e algo desbocado e fanfarreador; é um homem fino, instruido, bem educado, veste farda, e faz cortesias a primor. Não quer mal aos subditos do Imperador de Marrocos, do Bey de Tunis, ou do Sultão de Constantinopla; vive em paz com os visinhos,

mas escuta com certa complacencia o que lhe diz a carta heraldica; a saber: que com essas Armas poderá entrar em *batalhas, justas, e torneios*. E' anachronico, mas é bonito.

A linguagem nacional é totalmente outra da do tempo das cruzadas; sim; mas a Heraldica, sincera e conservadora como é, fala-nos ainda com muita convicção no banco de *pinchar*, no *elmo*, na *brica*, na *asna*, no *manteler*, no *chefe* e *contra-chefe*, nas *merletas*, e nas *arruelas;* tem um idioma todo seu, que lembra o Conde D. Henrique e D. Affonso o Magno, de Leão, calão que ninguem hoje entende sem estudo, mas de que ella não prescinde. Quando esta arte (ou sciencia) se constituiu, falava a Heraldica uma Lingua corrente; hoje usa um dialecto archaico, e tira do seu mesmo mysterio certo prestigio que lhe faz bem, e lhe sabe optimamente.

*

Já a palavra *Brasão* se engrinalda com uma quantidade de etymologias; é um luxo como outro qualquer, mas demonstra a sua vetustez. A etymologia é a genealogia dos vocabulos, assim como a genealogia tem a presumpção de ser a rasão etymologica das familias; a maior parte das vezes (¡oh manes de Manço de Lima!)... falsas uma e outra. Parece que a mais seguida opinião é que *brasão* descende do allemão *blasen;* seja assim; em discussões não me intrometto; mas recommendo a quem tiver uns

minutos para perder, que se entretenha a conversar n'isto com Bluteau; verá o que vai.

E a proposito: elle prefere *blasão,* a *brasão.* Prevaleceu a segunda forma; e comtudo, aquelle *l* ainda se conserva no verbo *blasonar,* que tem várias accepções, no adjectivo *blasonado,* e no substantivo *blasonador.*

Se a palavra é relativamente moderna, o certo é que as insignias distinctivas são de remota anguidade; principiaram, como é de crer, com as figuras que para o seu capacete, a sua armadura, ou o seu escudo, escolhiam os guerreiros. A pouco e pouco foram-se tornando hereditarias, e fixaram-se como distincção de estirpe.

O que julgam os sabedores, é terem os Francezes sido os primeiros que souberam codificar systematicamente a nova arte, cujas expressões technicas são no francez lindissimas, e de exacção quasi mathematica. A origem da estirpe, a sua varonia, a sua nobreza, as suas allianças, e algum acto nobre, ou notavel feito de armas, dos membros da Casa, tudo a Heraldica apresenta compendiado.

A ideia, bella como synthese, seduziu os espiritos, e espalhou-se por toda a Europa. As carrancas de leão linguado e armado, as torres, os castellos com suas menagens, os cisnes, as meias-luas, que as cimeiras dos cruzados ostentavam, figuraram nos escudos de geração, a mostrar que tal ou tal combatente descendia do heroe que primeiro os usara. Logo depois, essas peças uniram-se, em *pallas* e em *quarteis,*

com as *bandas* representando talabartes, com as *barras,* escalada de fortaleza, com as *asnas,* machinas obsidionaes, com as *cadeias,* recordando captiveiro, com as *cabeças de Moiros* vencidos, etc.; e a Armaria reduzida a regras, com as suas côres symbolicas, os seus metaes, e as suas posições calculadas, foi um codigo de etiqueta, e. para quem o sabia ler, um tombo de Historia patria.

*

O abuso introduziu-se no uso; o abuso é useiro e vezeiro a essas liberdades. Já os pavilhões heraldicos, tremulando ás escassas aragens de Agosto no campo de Aljubarrota, denunciaram ao Rei a quantidade de intrusos que se tinham infiltrado na phalange aristocratica. D'ahi as sabidas providencias do bastardo d'el-Rei D. Pedro; valiam ainda a pena, segundo se vê; hoje ha abusos bem maiores; mas a sua reforma já não valeria o custo da folha de papel do alvará ou decreto repressor.

Pouco mais de um seculo depois de Aljubarrota, quiz el-Rei D. Manuel tentar uma rehabilitação da Heraldica em favor dos seus fidalgos legitimos. A sala das Armas no paço de Cintra ainda hoje nol-o diz. E' uma especie de protesto; levanta a fronte sobre o aglomerado pittoresco das casarias Reaes, tão bem descritas pelo Conde de Sabugosa; não transige no seu puritanismo, e fala-nos nas eras do seu esplendor, quando o Soberano, depois de mandar os

seus Reis d'Armas correr as sepulturas armoreјadas, ahi por todas as provincias, erigia uma especie de pantheon ao patriciado portuguez. Faz respeito contemplar por fóra e estudar por dentro aquelle colossal torreão, que é em pedra o que em verso ficaram sendo as quintilhas heraldicas de João Rodrigues de Sá no *Cancioneiro* de Resende. Saudosos protestos, sim; mas já agora inuteis. O nosso tempo é o que é; não ha mudar-lhe a indole. Uns fazem, outros desfazem; é a ordem do mundo. El-Rei D. Manuel edificou; em contraposição, um Ministro da Fazenda de poucos annos atraz, até se lembrou, n'esta era de ganancia, em que tudo se tributa... lembrou-se de tributar os escudos de Armas dos predios e dos portaes de quinta. Pergunta-se: ¿que mal faziam esses documentos de pedra lioz, recordação de antigos fundadores e possuidores? nenhum. Pois proscreveram-se, visto que no tributo ia implícito o exterminio, desde que os actuaes donos, que nada tinham já com elles, preferiam britar ou arrancar os escudos, a entrar na caixa do Recebedor com um tributo absurdo, e de ricochete. E assim (póde gloriar-se d'isso o tal Ministro, que pelo nome não perca) sumiram-se para sempre preciosos especimens de Heraldica por todo o Paiz.

*

Recapitulando o que disse:

A Heraldica teve sua rasão de ser; nasceu

das vistosas e arrogantes insignias dos antigos guerreiros; codificou-se para premio aos descendentes de benemeritos; firmou-se na Genealogia; com a queda d'esta decahiu, mas ainda vive.

Fazel-a lembrada e respeitada, pelo que foi, pelo que é, e pelo que ainda póde vir a ser, é tarefa muito para louvores.

*

O snr. Leite Ribeiro dedicou-se por gosto a este genero de estudos, e conseguiu armazenar na sua memoria tão notavel (uma das mais robustas que tenho conhecido) tudo quanto em Portugal se tem escrito na matéria. Conservar esses conhecimentos artistico-historicos só para si, seria egoismo; annuiu ás instancias de amigos, e repartiu com o Publico uma parte do seu saber.

Se alguns enjoados, de uns que nada fazem senão murmurar, tomarem este livro cômo um anachronismo, enganam-se redondamente; Historia velha cabe em todos os tempos. O Brasão tem seculos de existencia; continúa vivo, como acima se disse, com quanto decadente e enfermiço; mas vive; perpetúa-se no encarte de mercês antigas, e na concessão de mercês novas. Um livro portanto consagrado ás regras da Armaria é serviço que ninguem póde desconhecer.

«A's regras» sómente, note-se bem, á Heraldica theórica; a prática, isto é a descripção dos

escudos das familias, essa, além de João Rodrigues de Sá, tem a *Nobiliarchia portugueza* de Antonio de Villasboas e Sampayo, tem o *Archivo heraldico-genealogico* do incançavel Visconde de Sanches de Baêna, decano dos linhagistas hodiernos, e tem os *Livros dos brasões da sala de Cintra* pelo erudito Anselmo Braamcamp Freire, obra que, se o autor a concluisse, ficaria monumento mais duradoiro que as paredes d'el-Rei D. Manuel. Se os escudos são conhecidos, as regras da arte é que o não eram; Bluteau, por exemplo traz os termos, e explica-os, mas disseminados ao longo da floresta enorme do seu *Vocabulario*.

O snr. Leite Ribeiro, sobrinho-neto, dil-o-hei de passagem, do grande e sempre citando João Pedro Ribeiro, não precisa apresentação; é pessoa instruidissima, cultora de boa poesia, amadora do bello, e criada nas Letras classicas. Se eu suspeitasse que o Publico illustrado não havia de acolher bem o seu livro, lamentava o Autor, mas ainda mais o Publico. Escrever para não ser lido é como falar a surdos; e falar a surdos é como prégar a peixes; deve ser desagradabilissimo, até mesmo sendo Santo Antonio. Ora mas o assumpto d'este amavel livrinho, parecendo, talvez, não condizer em cheio com as tendencias do nosso seculo das luzes, das pressas, do utilitarismo, e da ganancia, pertence comtudo a um genero que nós outros, os Peninsulares, presamos e apreciamos; é bom serviço a historiadores, a philólogos, a literatos,

a artistas, e até aos que só como curiosos se entreteem para distracção em debuxar e blasonar por sua conta, ou por conta alheia. E são muitos.

Felicito o snr. Leite Ribeiro; felicito a arrojada Empreza editora; e felicito a Literatura da minha terra.

Os meus parabens pouco valem, mas são sinceros.

Lumiar, 1 de Outubro, 1906.

JULIO DE CASTILHO.

CARTA AO AUCTOR

Meu caro Leite Ribeiro

Eu não sei se faço parte de um paiz essencialmente democratico, ou se a minha terra é o solo abençoado, donde brota espontanea, numa exuberancia tropical, a luxuriante flor da aristocracia.

Esta duvida, que se debate no meu espirito, não é filha de um scepticismo ingenito, mas consequencia logica do exame reflectido dos factos, exame que tantas vezes me lêva a concluir com magua e com desdem que a minha patria é o paiz da contradicção e até o paiz do absurdo. Seria necessario ter o animo generoso e bonacheirão do dr. Pangloss para raciocinar d'outra maneira. Aposto que o teu pensamento, n'esta materia, baterá unisono com o meu.

O systema constitucional, vibrando successivos golpes, derrubou sem piedade, levianamente talvez, a arvore tantas vezes secular da nobreza de estirpe. A fidalguia de raça, hereditaria, per-

petuando-se na tradição e na familia, ficou ferida de morte no mais intimo do seu organismo. Sem a terra vinculada, sem os privilegios de casta, sem o exercicio das altas funcções officiaes, a aristocracia deixou de ser uma realidade para ser apenas a sombra que divaga ao longe, phantasticamente, no scenario dos paços reaes. Das familias morganaticas são poucas as que se teem conservado de pé, graças á opulencia dos seus bens. Os representantes d'essas jerarchias privilegiadas não se extinguiram de todo, mas vão-se confundindo gradualmente, esbatendo as suas figuras heraldicas na massa obscura da burguezia endinheirada.

Em compensação, a nobreza ephemera, a que raras vezes excede uma vida, propaga-se de um modo phenomenal, como querendo demonstrar que não ha cidadão, por mais humilde que seja, que não tenha nas suas veias uma pinta de sangue azul. A physiologia proclama assim triumphantemente a sua preeminencia heraldica. E' deveras extraordinaria a ideia que o Estado fórma ácerca da fidalguia contemporanea. Antigamente, a munificencia régia era a paga de um serviço e representava sempre um beneficio tangivel. Hoje, pelo contrario, o agraciado, em vez de receber, é quem dispende. As mercês converteram-se em materia primaria de fisco e, em vez de serem honrosas, são onerosas. Ainda mais; quem quizer usar de qualquer emblema heraldico, terá de sujeitar-se a uma contribuição não pequena. Os brasões, que ornavam os ve-

lhos solares provincianos, são mandados picar, para que o escrivão de fazenda não obrigue o proprietario ao pagamento da respectiva decima. E assim o Estado, por este ideal mesquinho e ganancioso, vae anniquilando muitos elementos interessantes para o estudo da archeologia patria.

Apesar de tudo isso, não falta quem puxe pelos cordões á bolsa para adquirir a sua carta de fugitiva e tantas vezes irrisoria nobreza. Os espiritos mais esclarecidos não fogem a esta monomania e até o proprio Camillo, que tantas vezes verberou com o látego do seu estylo sarcastico os proceres endinheirados, não evitou que recahisse sobre a sua personalidade litteraria a pena de Talião.

Eu não condemno, vê tu, esta tendencia que se me afigura inoffensiva e apenas prejudicial para quem a usa, não prevendo as consequencias fataes que d'ella tão frequentemente se derivam. Eu não conheço nada mais deploravel de que o espectaculo que offerecem certos filhos de titulares, quando se vêem obrigados a exercer occupações incompativeis com os seus pergaminhos. Imagina tu se ha coisa mais triste de que vêr um conde reduzido á situação de caixeiro de escriptorio ou de amanuense de secretaria, enfiando a manga de alpaca para não coçar o ultimo fio da sua sobrecasaca preta!

Não imagines todavia que eu considero alguns dos aristocratas modernos menos dignos de consideração e de respeito que os antigos. A

riqueza, honradamente adquirida pelo trabalho, nas luctas incruentas do commercio e da industria, tem tanto jus a ser galardoada como os actos de valor nos campos de batalha. Os fidalgos de outr'ora tambem se enriqueciam com os despojos das escaladas e das emprezas maritimas nas regiões do Oriente.

Além d'isso nem sempre a mercê regia era marcada com o sello da equidade. O titulo de conde da Vidigueira foi o premio de um dos mais altos feitos da nossa historia, mas já a concessão do titulo de conde de Borba não apresenta o mesmo caracter. Este deveu á delação a sua investidura nobiliarchica. Dizem que praticou um acto de civismo, tratando de salvar a pessoa do rei, mas as benesses que recebeu demonstram que não foi por desinteresse nem por méra dedicação patriotica que elle arrastou á morte tantos parentes e amigos.

Pelas considerações que tão succintamente tenho vindo expondo, estou intimamente convencido que o livro que tu compozeste hade ser manuseado afanosamente e com estima por numerosos leitores. Ainda hoje as nossas bibliothecas e archivos são frequentados por pessoas, que vão ali investigar as origens de diversas familias. A litteratura genealogica portugueza, a partir do infante D. Pedro, que compoz o interessantissimo *Livro das linhagens,* passando por Damião de Goes até D. Antonio Caetano de Sousa, o auctor da monumental *Historia Genealogica da Casa Real,* é abundantissima. Está,

porém, carecendo de tractados especiaes, elucidativos da sciencia do brazão, pois os poucos livros que temos a este proposito são escassissimos de informações. O teu, por conseguinte, vem preencher uma lacuna que de ha muito era sentida. Eu, por exemplo, que nunca fui forte n'esta especialidade, durante os meus estudos historicos vi-me algumas vezes embaraçado por falta de guia seguro, tendo de recorrer ao auxilio de pessoas entendidas. Se tivesse ao meu lado o teu livro, excusava de incommodar ninguem, na certeza de ter alcançado o objectivo da minha consulta.

Estou intimamente convencido que foi só por amor á sciencia e não por feiticismo genealogico, que tu devotaste o teu engenho a estas locubrações, embora não faltem nos teus antepassados paternos motivos para orgulho de excellente prosapia — a prosapia do talento e da arte. Teu pae, de quem herdaste a inclinação para o desenho, foi habil na pintura, e teu tio-avô, João Pedro Ribeiro, foi o patriarcha da diplomatica portugueza, um dos que mais laboriosamente prepararam o terreno para o estudo da historia patria, segundo os principios da mais rigorosa hermeneutica e da mais elevada philosophia. O seu nome refulge, como estrella de primeira grandeza, entre os de Antonio Caetano do Amaral, Frei Fortunato de S. Boaventura, Frei Francisco de S. Luiz, Alexandre Herculano e Rivara. Todos nós, os que recebemos as lições do mestre, estamos em divida

para com a sua memoria e tu, mais directamente, pelas obrigações e laços de familia. Dedicando a elle e a teu pae este producto das tuas fadigas litterarias e historicas terias praticado um acto de piedade filial.

Na minha ignorancia genealogica — desculpa passar d'este assumpto commovedor a outro menos reverente — não sei se o diabo tem outras armas além d'aquellas que a malicia dos artistas religiosos desenhou no coronal.

Se ellas existissem, Dante não se esqueceria de as collocar — brasão eloquentemente suggestivo — á porta do inferno sobre a famigerada divisa: *Lasciate ogni speranza.*

Se te lembrasses de invocar a protecção do auctor da *Divina Comedia,* em vez de invocar a minha, elle por certo teria inscripto esta legenda no frontispicio do teu livro:

Podeis entrar confiadamente atravez das paginas d'este livro: se é modesto, conciso e despretencioso, foi ao menos escripto com consciencia e carinho.

Eu limito-me a enviar-te as mais sinceras felicitações e a dar-te o mais cordeal aperto de mão.

Sempre teu

Patricio e velho amigo
que muito te quer

Bemfica, 9 de outubro
de 1906

SOUSA VITERBO

ADVERTENCIA

O proposito do auctor d'este livro foi colligir, tão concisamente quanto a clareza do texto lh'o toleráva, as leis e preceitos que, em Portugal, governam a sciencia da Armaria. A' mingua de obras privativas da doutrina sujeita, consultou pacientemente muitos trabalhos, uns manuscriptos outros publicados, de genealogistas antigos e modernos. Com estes subsidios, ajudado por vocabularios e por conselhos de amigos valiosos, architectou, como soube e pôde, a obra que agora apresenta ao publico — livro sem pretensões de especie alguma, livro de um curioso para curiosos só.

E' isto que elle roga, fique sempre de memoria no espirito de quem o lêr; — e a Deus praza que a tentativa, agora modestamente arriscáda á publicidade, possa provocar, entre os proficientes e os estudiosòs, a organisação de um tratado que, pela fórma e pela essencia, preencha melhor o seu fim.

Lumiar, 20 de julho de 1906.

INTRODUÇÃO

Armaria ou *Heraldica* é a sciencia que ensina a lavrar e a distinguir, uns dos outros, os brasões de armas.

Era praxe, já de uso em tempos remotos, representarem-se symbolos de toda a variedade sobre os escudos, bandeiras e pendões. Esses symbolos porém, escolhidos a capricho, nem estremavam as familias nem lhes assentavam a nobreza. Homéro na *Iliada,* refere-se ás figuras que os capitães gregos usavam sobre os broqueis, e Virgilio, na *Eneida,* falla-nos no escudo que Vénus outorgára ao heroe do poema, escudo onde se viam esculpidos todos os feitos dos Romanos, desde a fundação de Roma até á batalha de Actium. Xenophonte, o historiador grego, apresenta-nos o escudo real dos Médos ornado com uma aguia de oiro, e entre os gaulezes sabemos que o gallo, a cotovia, o ramo de agarico eram symbolos preferidos nos elmos e nas armas. Estes dados e outros ainda, rebus-

cados na antiguidade, serviram a investigadores aventurosos para dissertarem, com mais ou menos fundamento, sobre a vetustez da heraldica e emittirem conclusões cuja apreciação podemos sem inconveniente dispensar.

Foi da Allemanha, onde, pelos fins do seculo X os torneios tiveram origem, que nos vieram os primeiros elementos de Armaria. A palavra allemã *blasen* designava o estrépito da bozina, a cujo som os justadores davam ingresso na estacada, precedidos das suas respectivas bandeiras e pendões, onde cada um assentára os emblemas dos seus feitos ou mesmo o symbolo do culto tributado á sua dama. Vinham então os arautos reconhecer o cavalleiro e descreviam aos espectadores o sentido das insignias que o adornavam alli. D'aquelle vocabulo allemão *blasen*, mais ou menos semelhante em todas as linguas da Europa, é que teve a sua origem provavel o nosso velho vocabulo *blasão*.

Veio depois o tempo das crusadas, a época da fé ardida e intransigentemente christã. Cruzes, meias luas, cabeças de moiro sangrando, vieiras de peregrino, flores de liz, monstros fabulosos de crenças orientaes, tudo isto foram subsidios que deram origem ás figuras que se ostentaram, e, passando atravez dos seculos, se ostentam ainda sobre os brasões actuaes como a patentear-lhes o remoto da origem. N'aquelles tempos, armas e nobreza ganhavam-se no campo de batalha e cada qual, sem embaraço, as talhava para si.

Mas rodaram os annos, esfriaram os impetos da fé, e vieram os torneios e justas reaes, combates singulares ou collectivos, na presença do soberano, juiz e arbitro do prélio, substituir a guerra ao infiel, e refrear, até certo ponto, a ebullição sanguinea dos inimigos da paz. E' agora, com a frequencia das justas, que a heraldica começa a erguer o vôo e a estabelecer os seus principios.

Mas a esse tempo não cabia ainda ao soberano, como pouco depois veiu a caber, a outorga exclusiva das insignias e emblemas illustrativos do valor individual de cada vassallo; e d'ahi, decerto pela vaidade nata com o homem, o uso dos brazões d'armas foi-se generalisando por modo tal, e estes multiplicaram-se, em França principalmente, por forma tão abusiva, que o remédio, alli, houve de partir do supremo poder. Carlos VIII foi o primeiro rei que creou em 1487, na sua côrte um cargo ou officio de marechal d'armas com o fim de regularisar e registar os brazões de toda a nobreza do reino.

Seguiram-se-lhe Carlos IX, Henrique II, Henrique III, Henrique IV, Luiz XIII e Luiz XIV, que novos rigores foram dispondo nas ordenações e éditos para a repressão dos abusos. Henrique II decretou em 1555 — que a ninguem fosse permittido usar nome e armas de familia alheia, sem licença régia por carta patente, multando com mil libras tornezas todo o infractor. Mais tarde, em 1696, Luiz XIV manda registar os brazões, e estabelece uma taxa para o re-

gisto: vinte libras para os que não tivessem flores de liz, e o dobro para os que usassem este symbolo real.

Parece, porém, que a sangria não expurgou a vaidade, pois que o abuso proseguiu sem correctivo de maior.

Resumamos: Veiu depois a revolução, proclamando os direitos do homem, nivelando as classes, e proscrevendo, *ipso facto,* o uso dos brazões de armas. Veiu, em seguida, o primeiro imperio, que os restaurou, creando uma aristocracia nova para a sua côrte, nova tambem. E póde dizer-se que, desde então até agora, a decadencia da arte e das leis heraldicas foi correndo o páreo com o progressivo nivelamento das classes.

Vemos d'aqui que nobres e brazões pullulavam em França, e o que dizêmos de França poderiamos por egual applical-o á Italia. Mas na Allemanha e na Inglaterra, côrtes de uma grandeza sobria, os temperamentos eram mais frios e menos sensiveis a ostentações. O feudalismo teutonico, confinado nos castellos do Rheno, e ciôso e duro nas suas prerogativas, não tolerava que lh'as fraudassem ou usurpassem; e os inglezes, esses, desde bem cedo praticos e mercadores, derivavam para longe, e para fins mais concretos, a actividade a que os coagiam as intemperies do clima, deixando tranquillos, nos seus pergaminhos e nos seus latifundios, os descendentes dos companheiros de Ricardo, Coração de Leão. Mas foi, ainda

assim a França que vieram aprender o aperfeiçoamento da armaria e a forma do escudo, que adoptaram, mais angulado todavia, nas partes extremas do alto.

Imitadores, a principio, foram tambem os povos da peninsula hispanica, onde heraldistas depois houve, que trataram proficientemente a sua arte. O escudo hespanhol era o escudo francez, porém arredondado em arco de circulo na base. Assim fôra tambem o escudo portuguez primitivo, que, não sabemos bem a causa, passou com os tempos á fórma exacta do escudo francez, ponteagudo e saliente na parte inferior.

Digamos agora alguma coisa de nós:

Foi com os quatro ultimos reis da dynastia affonsina que em Portugal se principiou a codificar as tradições genealogicas, e a desenvolver o uso dos brazões. Attribue-se ao bastardo de D. Diniz, o infante D. Pedro, a organisação do Livro das Linhagens; e o rei D. Fernando, que as apreciava, mandou fazer um paramento de rico lavor, bordado com as armas de todos os fidalgos do seu reino. Como, por morte d'este rei, as familias illustres se desagregassem, passando muitas para Castella, succedeu que outras as substituissem, apossando-se-lhes dos brazões, rapinas estas a que D. João I quiz pôr cobro, creando, á imitação de França e de Inglaterra, um rei de armas, cujo officio ou cargo, cercado de privilegios e honrarias, consistia em coordenar em livros especiaes a inscripção com-

pleta da nobreza do reino, e as insignias que, de direito, pertenciam a cada fidalgo.

Com o mesmo intuito de bom escrupulo e aperfeiçoamento da armaria, mandou D. Manuel o seu rei d'armas Antonio Rodrigues correr a Europa com o proposito de estudar a fundo a heraldica; e, quando elle regressou incumbiu-o do arrolamento de todos os brazões d'armas espalhados pelos tumulos nos templos do paiz.

Outro sim quiz que se organisasse um rico tombo em pergaminho, onde estivessem, por meio da illuminura, estampados todos os brazões d'armas nacionaes, mandando ao mesmo tempo pintar, no tecto de uma espaçosa sala dos paços de Cintra, as armas da familia real circumdadas com setenta e dois dos brazões dos principaes fidalgos do reino. A pintura terminou-se em 1520.

O regimento dos officiaes de armaria estatue tres reis d'armas, competindo a cada um d'elles o registo dos casamentos, nascimentos e factos not. veis da vida dos fidalgos de cada um dos tres reinos de Portugal, Algarve e Indias.

Era outr'ora El-rei quem solemnemente investia e baptisava os seus reis de armas, mas esta ceremonia morreu com o passado. Hoje, os reis d'armas só apparecem nas ceremonias das acclamações, da quebra de escudos, dos casamentos régios, e em outras solemnidades pouco vulgares; acompanham o préstito real com as suas dalmaticas tecidas a oiro, e um

collar pendente ao peito ornado com o brasão d'armas do reino cujo nome teem.

Afóra este mister, tambem lhes incumbe determinar qual o brasão de armas que se deva outorgar aos que são elevados á nobreza do reino.

*

Crêmos ter dado uma idea sufficiente, embora succinta, da origem, desenvolvimento, progresso e decadencia da armaria, uma sciencia que tende a extinguir-se, dentro em breve e gradualmente, como a alchimia e a astrologia, em tempos idos, se extinguiram tambem. Tudo tem o seu tempo, — e a nobreza que hoje se impõe ao culto, afigura-se-nos menos nos escudos da sala de Cintra, que no registo dos accionistas do Banco de Portugal.

I

Do escudo e suas divisões

Escudo — do latim *scutum* —, era uma arma defensiva, a principio de couro ou madeira, mais tarde de ferro e bronze, usada, desde tempos remotos, pelos luctadores de todas as raças. Variava na forma, umas vezes redonda, outras rectangular, outras oval. Um dos lados tinha duas correias fixas e transversaes por onde enfiava o braço esquerdo do guerreiro; o outro destinava-se a proteger-lhe o corpo, aparando e amortecendo os golpes vibrados pelo adversario na lucta.

Como n'esta arma defensiva se costumavam pintar as emprezas dos seus proprietarios, passou ella a ser conjunctamente uma peça decorativa e testimunhal do lustre das estirpes. A superficie lisa destinada á inscripção das figuras passou a chamar-se *campo* do escudo.

Chefe e *Ponta* do escudo (A-F) são as suas partes superior e inferior; *dextra* e *sinistra* (D-E), respectivamente, os lados esquerdo e di-

reito de quem o defronta ou observa; *cantões dextro* e *sinistro* do chefe (B-C), os cantos direito e esquerda da parte superior, e *cantões dextro* e *sinistro* da ponta (G-H), os cantos direito e esquerdo da parte inferior. *(Fig. 1)*.

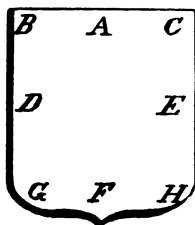



Fig. 1

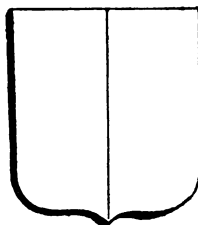



Fig. 2

Divisões do escudo são as secções por meio das quaes o campo se reparte.

Estes divisões são em numero de quatro, a saber:

Partido em pala.—O campo dividido verticalmente em duas partes eguaes. *(Fig. 2)*.

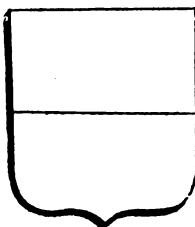



Fig. 3

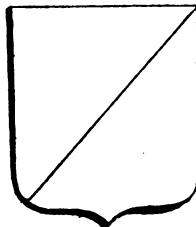



Fig. 4

Cortado em faxa.—O campo dividido horisontalmente em partes eguaes. *(Fig. 3)*.

Cortado em banda. — Quando o corte é diagonal, partindo do lado direito superior para o lado esquerdo inferior. *(Fig. 4).*

Cortado em barra. — Quando o corte é diagonal mas no sentido inverso ao da banda,

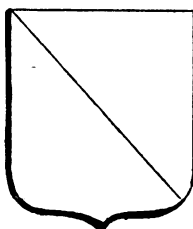



Fig. 5

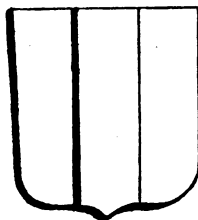



Fig. 6

isto é, partindo do lado esquerdo superior para o lado direito inferior. *(Fig. 5).*

Tanto o *córte em barra como o corte em banda* dividem o escudo em duas partes eguaes.

A combinação das linhas apontadas forma as seguintes subdivisões:

O *Terciado em pala*, *em faxa, em banda* ou

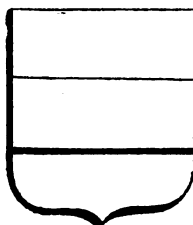



Fig. 7

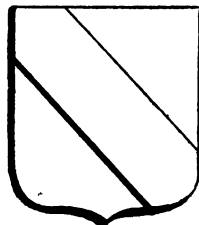



Fig. 8

em barra, que se forma se duas vezes se re-

pete o partido em pala e cortado em faxa, em banda ou em barra. Tambem se diz *partido* (ou *cortado) de dois traços. (Figs. 6 a 9).*

O *Esquartelado*, combinação do partido em

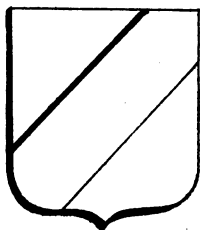



Fig. 9

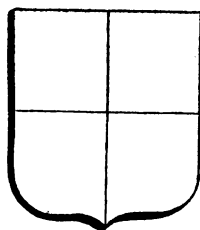



Fig. 10

pala e cortado em faxa, que divide o campo do escudo em quatro quarteis. *(Fig. 10).*

O *Franchado*, combinação feita pelo cortado em banda e cortado em barra. *(Fig. 11).*

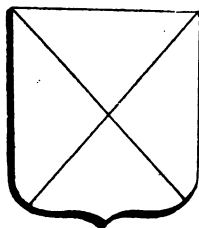



Fig. 11

Estas divisões e sub-divisões podem ainda multiplicar-se e variar-se por diversas maneiras, como por exemplo fraccionando o campo em seis partes eguaes, isto é partindo-o verti-

calmente em duas, e transversalmente em tres; ou então, dividindo o em quatro quarteis, cujos 1.º e 4.º se fazem esquartelados, e franchados os 2.º e 3.º

Não nos alongando com outros exemplos, diremos apenas que estas e outras combinações, mais ou menos complicadas, servem principalmente quando no escudo se querem designar as allianças das familias pelos brasões respectivos. N'este caso costuma collocar-se no centro do campo, onde as divisões se crusam, o escudo da familia principal.

*

O escudo real portuguez e os escudos da nobreza de Portugal teem hoje, como dissemos na introducção a este trabalho, a forma franceza, isto é, de angulo saliente a meio da ponta. Os escudos das Infantas e das senhoras nobres, esses são em fórma de losango *(lisonja,* como em armaria se diz e adeante veremos) partido em pala, a dextra com o brasão paterno, a sinistra de prata lisa quando solteiras, e com o brasão do marido quando casadas. Na fachada do Paço da Bemposta, hoje Escola do Exercito, que foi propriedade da infanta D. Catharina rainha viuva de Inglaterra ainda se conserva hoje o brasão d'esta senhora, em lisonja, com as armas de Portugal e as da Gran-Bretanha.

E pois que falamos no escudo real, alludiremos ás diversas formas que elle tem soffrido

desde o começo da monarchia até á epoca presente. Começando e continuando por muito tempo, como o eram geralmente os escudos dos reis e da nobreza da peninsula, veiu depois a tomar a feição actual, a que atraz nos referimos já.

Parecia que devêra ser a moeda cunhada o padrão que nos esclarecesse quando quizessemos instruir-nos sobre as nossas armas nacionaes; porém a moeda, longe de nos elucidar, mostra-nos ás vezes no mesmo reinado, sobretudo depois de D. João V, diversos feitios no escudo, inclusivamente o oval que, em boa regra de armaria, é privativo das dignidades da Egreja. Poderiamos ainda assim toleral-o no reinado do Cardeal-Rei, posto que, no nosso modo de ver o escudo real deva ser sempre invariavel e independente de dignidades alheias á realeza abstractamente considerada. Se assim não fosse, ás armas portuguezas dos reinados de D. Maria I e D. Maria II cumpriria, em boa logica, a fórma de lisonja, isto é a dos escudos consagrados como dissemos ás Infantas e senhoras nobres de Portugal.

II

Dos Esmaltes

Esta designação de *Esmaltes* fixou-se, por que todas as côres adoptadas na armaria eram assentes a esmalte, tanto sobre as placas que os arautos traziam, como sobre as armas, mobilia e baixella das casas illustres.

Por esmaltes se designam pois os metaes, as côres, os arminhos e os veiros, que se costumam empregar ou no campo do escudo, ou nas suas partes exteriores.

Os metaes são dois: o *oiro* e a *prata;* as côres cinco: *góles, bláo, sable, sinoble* e *purpura*. *Góles* é a côr vermelha, *bláo* a azul, *sable* a verde e *sinoble* a negra.

Assim se chamam em heraldica, derivadas do francez: *gueules, bleu, sable, sinople,* que por sua vez as importou do arabe. E a proposito, convem notar que os francezes chamam *sable* á côr negra e *sinople* á verde. Nunca soubemos o motivo da nossa inversão.

Cada um d'estes metaes ou côres tem a sua significação privativa como havemos de ver.

Na ausencia de tintas, os esmaltes costumam ser figurados, na gravura ou esculptura do escudo, por signaes respectivos a cada um.

Ouro *(Fig. 12).* — Symbolisa a riqueza, a justiça, a magnanimidade, e o amor. Em pintura

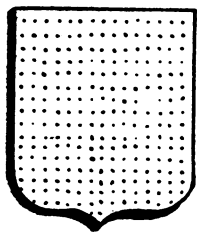
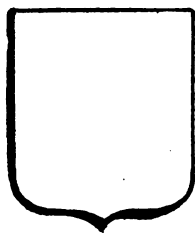



Fig. 12 Fig. 13

na falta da côr metallica, representa-o o amarello. Na esculptura e gravura designa-se por um ponteado.

Prata *(Fig. 13).* — Belleza, ingenuidade, lealdade e franqueza. Vem abaixo do ouro. Em

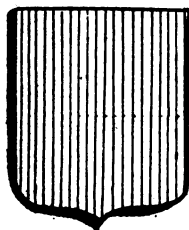



Fig. 14 Fig. 15

pintura substitue-se pelo branco quando falta a

côr metallica. Na gravura e esculptura representa-se pelo espaço unido e liso.

Góles (vermelho) *(Fig. 14)*. — Denodo, valor, animo béllico. Na gravura figura-se por traços verticaes de alto a baixo no campo.

Bláo (azul) *(Fig. 15)*. — Doçura, amenidade, bondade. Representa no campo o firmamento. Na gravura e esculptura substitue-se por linhas horisontaes.

Sable (verde) *(Fig. 16)*. — Esperança e urbanidade. E' a côr sagrada no Oriente. Representa-se, na gravura e esculptura, por diagonaes da direita para a esquerda do escudo.

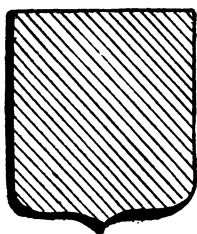
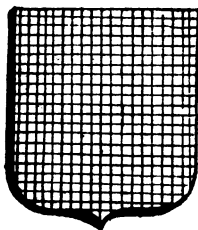



Fig. 16

Fig. 17

Sinoble (negro) *(Fig. 17)*. — Luto, tristeza, fastio do mundo. Figura-se na gravura e esculptura, ou por um cruzamento de verticaes e horisontaes, ou por uma semeadura de pequenas cruzes soltas no campo.

Purpura *(Fig. 18).* — Honras, cargos officiaes. Na gravura e esculptura representa-se por diagonaes da esquerda para a direita do escudo. Esta côr ressente-se de não estar bem definida; uns heraldistas querem-n'a carmezim, outros violeta.

Veiros *(Fig. 19).* — Assim se chamam umas faxas de pequenas figuras, em fórma de campainhas, alternadas de prata e de azul, mas oppostas umas ás outras, isto é, metal contra côr

Fig. 18

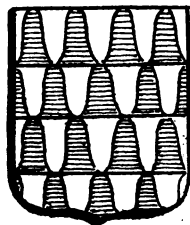



Fig 19

e côr contra metal; ajustando-se nas bases, e começando pela prata. As faxas dos *veiros* estão dispostas em quatro ordens ou tiras, cujas 1.ª e 3.ª conteem quatro figuras de azul e tres de prata, terminando, nos extremos, por duas meias figuras de prata tambem.

Faxas e figuras podem ser no escudo, em numero superior a quatro, e, n'este caso designam-se por *veiros meudos*.

Os **contra-veiros** *(Fig. 20),* formam-se ligando pelas bases as peças da mesma côr

CO

Fig. 12 — **Ouro**

Fig. 15 — **Bláo**
(azul)

CORES DOS ESMALTES

Fig. 12 — **Ouro**

Fig. 14 — **Góles**
(vermelho)

Fig. 13 — **Prata**

Fig. 15 — **Bláo**
(azul)

Fig. 16 — **Sable**
(verde)

Fig. 17 — **Sinoble**
(negro)

Fig. 18 — **Purpura**

CORES DOS ESMALTES

Fig. 12 — **Ouro**

Fig. 14 — **Góles**
(vermelho)

Fig. 13 — **Prata**

Fig. 15 — **Bláo**
(azul)

Fig. 16 — **Sable**
(verde)

Fig. 17 — **Sinoble**
(negro)

Fig. 18 — **Purpura**

e metal, isto é: côr com côr e metal com metal.

Observe-se que *veiros* e *contra-veiros* entendem-se sempre de prata e de azul; pois quando o metal ou a côr são differentes, o nome que se dá aos esmaltes é, respectivamente, *veirado* e *contra-veirado*.

Arminho *(Fig. 21)*. — Sabe-se que o arminho é um animal cuja pelle alvissima e assetinada, serviu desde tempos remotos para adorno de reis e de classes opulentas. Esta pelle, para lhe fazer resaltar a brancura, costumam mosqueal-a de pequenos fragmentos de pelle de cordeiro negro.

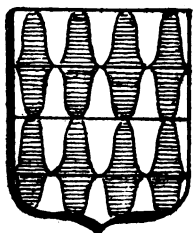
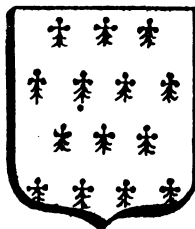



Fig. 20

Fig 21

Em heraldica o arminho representa-se por um corpo de prata semeado de pequenas cruzes de *sinoble*, dispostas em xadrez, tendo a haste inferior de cada cruz tres ramos de cada lado, alargando para fóra. Quando, no escudo, o numero d'estas cruzes é superior a quatro por fileira, deve designar-se-lhes a quantidade na descripção do brasão.

O *contra-arminho* é o arminho invertido, isto é o campo de negro e as cruzes de prata.

*

Dissemos que as côres empregadas na armaria são cinco, mas convem notar que figuras ha, naturaes e artificiaes, que costumam estampar-se no campo como apparecem á nossa vista, isto é, com a sua côr propria. N'este caso devem designar-se, na descripção do escudo, pela expressão: *de sua côr*.

Uma regra fundamental em heraldica e sobre esmaltes, é que jámais côr deve assentar sobre côr, ou metal sobre metal.

Ha todavia excepções; — e quando uma peça de qualquer côr ou metal assente sobre outra do mesmo esmalte, diremos, blasonando, que ella é *cosida do mesmo*, isto é, do mesmo metal ou côr.

*

Apontamos os quatro esmaltes *goles, bláo, sable* e *sinoble* pelos seus nomes classicos em armaria. Isto fizemos apenas para sciencia do curioso, pois que, no decurso do nosso trabalho adoptaremos o systema moderno dando áquellas cores os seus nomes usuaes: *vermelho, azul, verde* e *negro*.

III

Das Figuras

Figuras, peças ou *moveis* do escudo são todos os objectos que se lhe collocam no campo.

E' illimitado o numero d'estas figuras, e variadissimo foi sempre o seu significado segundo as diversas interpretações. Votos, consagrações, feitos béllicos, aventuras, graças régias, serviços prestados á religião, á patria e ao throno, tudo isto tem subsidiado o armamento e illustração do escudo, perpetuando, pela allusão ou pela imagem, a origem historica de uma estirpe, o valor moral ou material de um individuo.

Sobre o campo figurado de um escudo, o genealogista pratico e experiente explica as convenções das imagens como o sabio egyptólogo lê e traduz, correntemente, os hieroglyphos de um obelisco. A historia de uma prosápia resume-se e condensa-se no seu brasão.

*

Quatro especies de figuras se estabelecem em armaria: *heraldicas, naturaes, artificiaes* e *chiméricas.*

1 — Figuras heraldicas

Dividem-se em tres ordens: *primeira, segunda* e *terceira.*

a) Figuras heraldicas de primeira ordem

Dá-se-lhes tambem o nome de *honrosas*, e são: O *chefe,* o *contra-chefe,* a *pala,* a *faxa,* a *banda,* a *barra* ou *contra-banda,* a *cruz,* a *aspa* ou *sautor* (do francez sautoir), a *asna* ou *chaveirão,* a *bordadura,* o *escudete,* a *brica,* a *orla,* e a *orla dobrada* ou *orla dobre.*

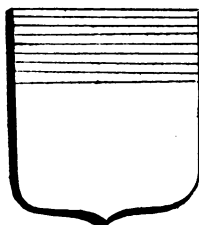
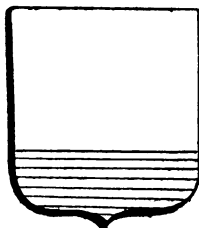



Fig 22 Fig. 23

O **Chefe** *(Fig. 22).* — Fica na parte superior do escudo, tomando, de ordinario, o terço do campo. Representa o elmo ou coronel do cavalleiro. Póde ser dentado, isto é, em fórma de serra na parte inferior.

O **Contra-chefe** *(Fig. 23)*. — Fica opposto ao chefe na parte inferior do campo, de que occupa o terço ordinariamente.

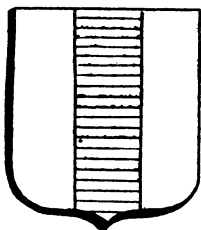



Fig. 24

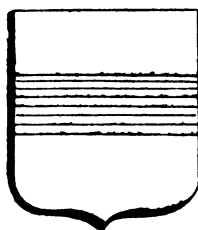



Fig. 25

A **Pala** *(Fig. 24)*. — Representa a lança do cavalleiro. Tambem occupa, de ordinario, o terço do campo e assenta-se na posição vertical.

A **Faxa** *(Fig. 25)*. — No sentido horisontal occupando o mesmo espaço que a *pala*. E' a cinta do cavalleiro. Póde ser dentada dos dois lados.

A **Banda** *(Fig. 26)*. — Representa o tala-

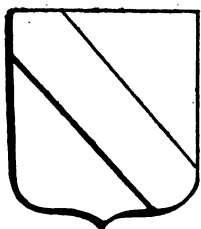



Fig. 26

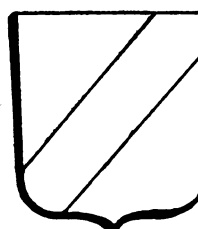



Fig 27

barte da espada e com as mesmas dimensões

da *faxa* e da *pala*. Parte do angulo direito superior para o lado esquerdo inferior. Póde tambem ser dentada dos dois lados.

A **Barra** ou **Contra-banda** *(Fig. 27)*. — Colloca-se no sentido opposto ao da *banda*, e tem as mesmas dimensões. Representa a charpa a tiracollo. Tambem se emprega como distinctivo de bastardia, mas n'este caso diminuida na largura.

A **Cruz** *(Fig. 28)*. — E' o signal da fé e da redempção dos homens, no peito e nas armas do

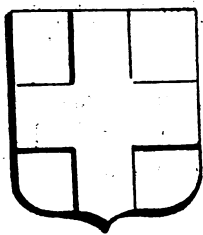
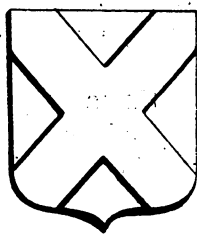



Fig. 28 Fig. 29

christão. Faz-se com o cruzamento da *pala* e da *faxa*. Adiante trataremos das suas variedades.

A **Aspa** ou **Sautor** *(Fig. 29)*. — Representa o estribo e fórma-se com o cruzamento da *banda* e da *barra*.

A **Asna** ou **Chaveirão** *(Fig. 30)*. — Emblema do acicate. Faz-se pelo contacto da *banda* e da *barra*, que se fundem a meio chefe.

A **Bordadura** *(Fig. 31)*: — Contorna o cam-

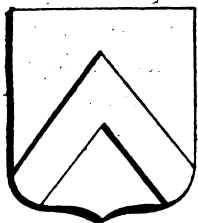



Fig. 30

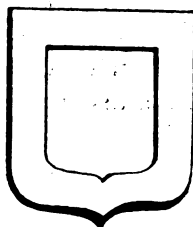



Fig. 31

po. Significa a recompensa régia e especial de um serviço ou feito assignalado, e representa como que o favor do rei a proteger o escudo.

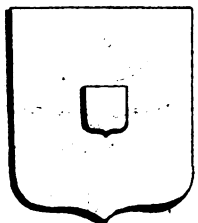



Fig. 32

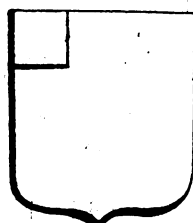



Fig. 33

O **Escudete** *(Fig. 32)*. — Tem um terço do campo do escudo e occupa-lhe o centro com a fórma de outro escudo. Symbolisa tambem uma graça régia especial *.

A **Brica** *(Fig. 33)*. — E' um pequeno espaço

* O brasão d'armas da cidade do Porto tem, no centro do seu esquartelado, um escudete, com um coração. E' o coração de D. Pedro IV legado por este á cidade.

quadrado, no canto direito do *chefe*, cuja altura lhe regula proximamente as dimensões de cada lado. O esmalte da *brica* é sempre differente do esmalte do campo do escudo. Adopta-se para a distincção das linhagens entre os primogenitos e os segundos, devendo estes ultimos usal-a nas armas de familia.

A **Orla** *(Fig. 34)*. — E' uma *bordadura* que circumda o campo, mais estreita porém que a

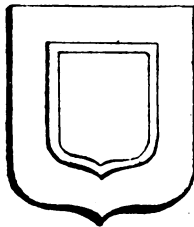



Fig. 34

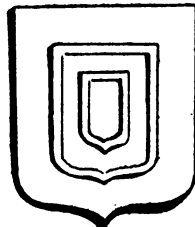



Fig. 35

bordadura propriamente dita e afastada dos extremos do escudo por um espaço equivalente á sua largura.

A **Orla dobrada** (ou *Orla dobre*). — *(Fig. 35)*. — Uma dentro da outra e cada uma de largura egualmente metade da da *orla*. A exterior é por vezes floreada nos cantos e pelos quatro lados.

Deixámos para o fim d'este paragrapho uma referencia á variedade das cruzes que se ado-

ptam na armaria. Referir-nos-hemos ás principaes, isto é, ás mais usadas:

Cruz simples *(Fig. 36)*—E' a mesma a que alludimos já. Tem as quatro hastes eguaes

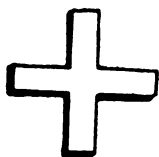
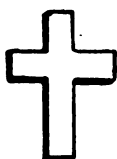



Fig. 36 Fig. 37 Fig. 38

no comprimento e largura. Tambem se chama cruz grega.

Cruz latina *(Fig. 37)*. — Haste superior e lateraes das mesmas dimensões, sendo mais comprida a inferior.

Cruz de Santo André *(Fig. 38)*. — As quatro hastes eguaes, em fórma de aspa.

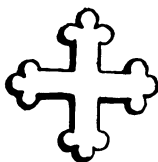



Fig. 39 Fig. 40

Cruz de S. Lazaro *(Fig. 39)*. — Aquella cujos braços terminam em fórma de trêvo.

Cruz de Santo Antonio *(Fig. 40)*. —

Não tem a haste superior e alarga-se na extremidade das outras tres.

Cruz potentea *(Fig. 41)*. — As quatro

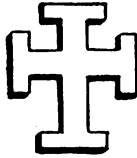
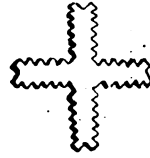



Fig. 41 Fig. 42

hastes, formando cada uma a figura de um T.

Cruz dentada *(Fig. 42)*. — As quatro hastes contornadas do feitio de dentes de uma serra.

Cruz florida *(Fig. 43)*. — Com as quatro hastes rematadas por florões.

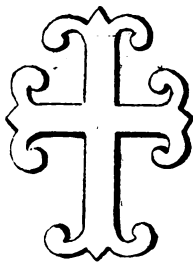
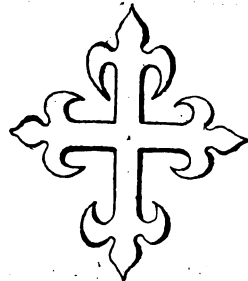



Fig 43 Fig. 44

Cruz flordelisada ou **florente** *(Fig. 44)*.

— A mesma que a florida, com a substituição dos florões por flôres de liz.

Cruz suspensa *(Fig. 45)*. — Aquella cujas

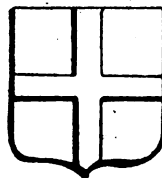



Fig. 45 Fig. 46

hastes não chegam aos extremos do campo do escudo.

Cruz firmada *(Fig. 46)*. — Aquella cujas hastes tocam todas quatro os extremos do campo.

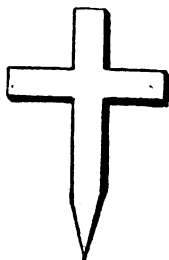



Fig. 47

Cruz pontuda *(Fig. 47)*. — Aquella cuja haste inferior termina em fórma aguda.

Cruz dos Templarios *(Fig. 48)*. — Tem

duplicadas as duas hastes transversaes, sendo a sub-posta mais extensa que a superior.

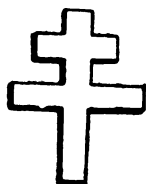
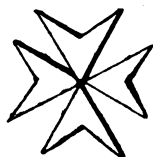



Fig. 48 Fig. 49

Cruz de Malta *(Fig. 49)*. — Formada por quatro hastes eguaes, que se estreitam nas bases e se alargam nos extremos exteriores.

Cruz de Aviz *(Fig. 50)*. — E uma cruz flordelisada e de côr verde. Figurou nos escudos reaes portuguezes de D. João I, D. Duarte,

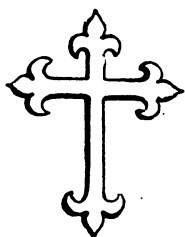
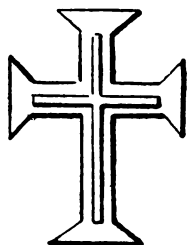



Fig. 50 Fig. 51

D. Affonso V e D. João II, que mais tarde a supprimiu do brasão real.

Cruz de Christo *(Fig. 51)*. — Tem a fórma potentea e é vermelha. Em cada uma das

suas quatro hastes apresenta um angulo agudo e saliente tanto para a dextra como para a sinistra. No centro tem uma cruz latina de prata.

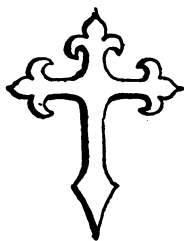



Fig. 52

Cruz de S. Thiago *(Fig. 52).*—E' uma cruz pontuda, verde e flordelisada na haste superior e nas lateraes.

Cruz vasia *(Fig. 53).*—Tal se diz sempre toda a cruz aberta interiormente nas suas has-

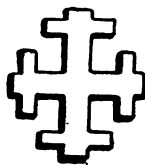



Fig. 53 Fig. 54

tes, isto é figurada apenas pelo contorno exterior mais ou menos accentuado.

Cruz recruzetada *(Fig. 54).*—Cujas hastes formam cada uma uma cruz.

b) **Figuras heraldicas de segunda ordem**

Incluem uma série variadissima de moveis, uns de fórma quadrada outros redonda, cada um com seu nome privativo. Diz-se que os moveis quadrados representam o homem grave e austero sempre o mesmo por todos os lados que o defrontem, e os redondos symbolisam umas vezes a contribuição paga ao infiel a troco da liberdade propria ou alheia, e outras os despojos conquistados no campo da batalha.

Não podendo, pelo seu numero avultado, occupar-nos aqui de todos estes moveis, limitar-nos-hemos á descripção dos mais usuaes na nossa armaria; mas digamos primeiro que, quando não isolados, a sua disposição no escudo se regula sempre pela fórma das figuras heraldicas de primeira ordem. Assim, dizemol-os em *pala*, em *faxa*, em *cruz*, em *aspas*, etc., sempre que affectam a fórma d'aquellas figuras. Quando a posição dos moveis no campo figura um triangulo isosceles, com a base para o chefe e o vertice para a ponta, dizemol-os postos *em roquete*.

As **Lisonjas** *(Fig. 55)*.—Moveis do feitio de um losango geometrico que se dispõem sobre um dos seus angulos.

Os **Fuzos** ou **Fuzélas** *(Fig. 56)*.—São lisonjas, porém mais afiladas ou delgadas. Mos-

tram algumas vezes uma fórma arredondada no vertice dos seus angulos obtusos.

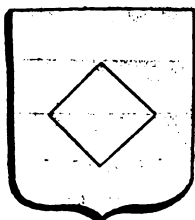



Fig. 55

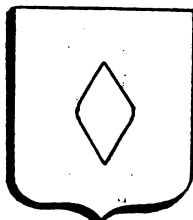



Fig. 56

Os **Besantes** *(Fig. 57)*. — São redondos e representam moedas, sempre de oiro ou de prata.

As **Arruelas** *(Fig. 58)*. — Da mesma fórma

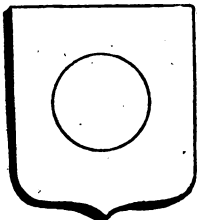



Fig. 57

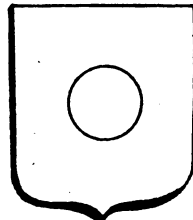



Fig. 58

que os *besantes*, mas nunca de metal e sempre de côr.

Os **Angulos** *(Fig. 59)*. — São *arruelas*, porém de fórma esguia, mais comprida que larga.

As **Burélas** *(Fig. 60)*. — *Faxas* estreitas e

repetidas, quatro ou mais vezes, no campo.

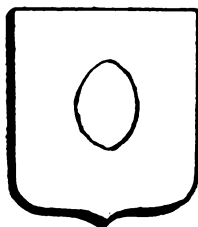



Fig. 59

Fig. 60

Quando teem a mesma largura que o espaço que as separa, o escudo diz-se ***burelado.***

Os **Bastões** *(Fig. 61)*. — ***Palas*** estreitas em numero de quatro ou mais, cobrindo o campo ou parte d'elle. Representam jurisdicção, auctoridade.

As **Coticas** *(Fig. 62)*. — ***Bandas*** estreitas

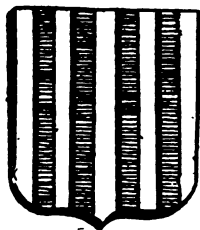



Fig. 61

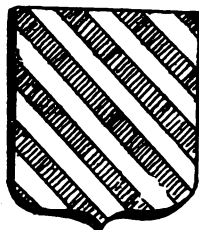



Fig. 62

cobrindo o todo ou parte do campo. Tambem teem o mesmo nome quando dispostas em barra.

Os **Filetes** *(Fig. 63)*.—Applica-se este nome a todas as peças honrosas reduzidas a um terço ou menos da sua largura. Em seu logar trataremos dos *filetes negros*.

c) **Figuras heraldicas de terceira ordem**

Tambem se lhes chama interpoladas ou de capricho. N'esta ordem se grupam os moveis de fórma regular, que occupam por completo o campo do escudo e se alternam sempre de

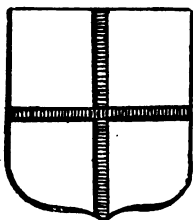



Fig. 63

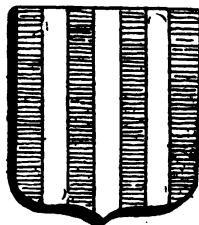



Fig. 64

metal e côr, conservando, além d'isso, os esmaltes uns sobre outros em sentido opposto, isto é, côr sobre metal e metal sobre côr.

São tambem numerosissimos, e por essa razão cingir-nos-hemos a dar conta dos usuaes.

O **Palado** *(Fig. 64)*.—E' o campo coberto de *palas* alternadamente de metal e de côr.

O **Faxado** *(Fig. 65)*.—Campo coberto de *faxas* de metal e côr.

O **Bandado** *(Fig. 66)*. — Campo coberto de *bandas* de metal e côr.

Fig. 65

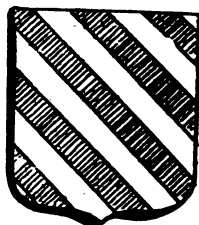



Fig. 66

O **Barrado** ou **Contrabandado** *(Fig. 67)*. — Campo coberto de *barras* de metal e côr.

O **Chaveiroado** *(Fig. 68)*. — Campo coberto de *chaveirões* de metal e côr.

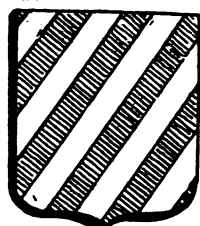



Fig. 67

Fig. 68

O **Veirado**. — Já a elle fizemos referencia sufficiente quando tratámos dos *veiros*.

O **Enxequetado** *(Fig. 69)*. — Dividindo o escudo seis partes em *pala* e outras tantas em *faxa* formam-se trinta e seis secções regulares e quadradas. E' a disposição do xadrez, ficando

tanto horizontal como verticalmente, alternada com metal. Chama-se a isto o *enxequetado* e os quadrados formados tomam o nome heraldico de *escaques*.

O **Lisonjado** *(Fig. 70).* — Campo formado

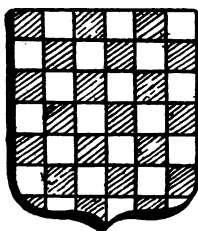



Fig. 69

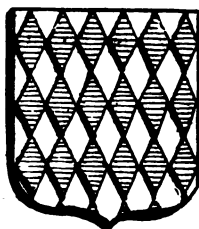



Fig 70

de *lisonjas* e da mesma fórma que o *enxequetado.*

O **Rotulado** *(Fig. 71).* — *Bandas* e *barras* entresachadas umas e outras e deixando entre si espaços como losangos mostrando o campo.

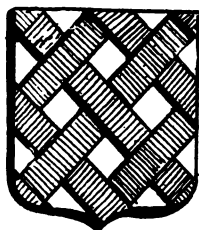



Fig. 71

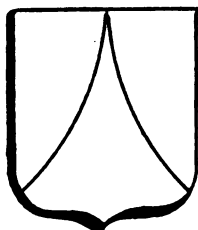



Fig. 72

O **Mantelado** *(Fig. 72).* — Duas linhas curvas ou arcos, cujos extremos se encontram, uns

no meio do alto do escudo, e outros veem, respectivamente tocar-lhe a dextra e sinistra inferiores, isto por maneira a figurarem dois meios escudos oppostos, formam o que se chama um campo *mantelado,* e os dois meios escudos tomam conjunctos o nome de *manteler.*

O **Aberto em chapa** *(Fig. 73).* — E' formado por um *manteler* composto de duas linhas

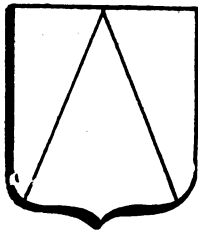



Fig. 73

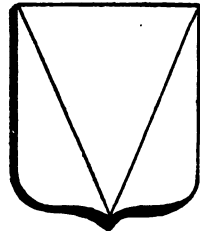



Fig. 74

rectas em vez de curvas. A figura apresenta assim dois triangulos rectangulos cujos cathetos maiores ficam na dextra e na sinistra do escudo.

O **Aberto em contra-chapa** *(Fig. 74).* — Faz-se pelo inverso do *aberto em chapa*, figurando assim o campo um triangulo isosceles com a base para o alto do escudo.

2 — Figuras naturaes

Dá-se-lhes este nome pois que são a imagem de todos os corpos creados que se patenteam, quer no firmamento quer na terra, á nossa obser-

vação. Os elementos, os astros, o homem, os animaes, as plantas, os metéoros, tudo isto tem subsidiado a sciencia heraldica, significando, por convenção ou por emblema, um feito, uma historia, uma prova digna de perpetuação nas gerações vindouras.

As figuras naturaes são muito mais numerosas que as propriamente heraldicas, e catalogal-as, se possivel fôra, por completo, obrigaria a um tratado especial. Vamos, não obstante, referir aquellas que mais frequentemente se ostentam nos brasões nacionaes. As restantes, que formam legião, essas, á falta de outro recurso, deixamos á perspicacia do curioso o interpretal-as como a rasão melhor lh'o offerecer.

Mas antes de passarmos a diante e para melhor intelligencia das nossas descripções, demos agora a explicação de certos termos heraldicos que teremos de adoptar quando nos occuparmos da posição de determinados moveis no escudo.

Genéricamente: uma figura diz-se *movente* do chefe, da ponta, da dextra ou da sinistra, quando, sendo tangente, por um dos seus lados, a qualquer d'aquelles pontos parece romper d'elles para o centro, ou para a parte opposta do campo.

Diz-se *nascente,* quando se vê d'ella apenas a metade superior do corpo, surgindo ou rompendo de um movel heraldico qualquer.

Diz-se *perfilada* ou *volvida* de qualquer esmalte, quando por elle é contornada nos seus lineamentos exteriores.

Diz-se *carregada* de outra, quando esta, de diverso esmalte, lhe assenta em cima; e *sobre-carregada* quando ainda sobre o movel que lhe juxtapõem se assenta outra tambem de diverso metal ou côr.

Segundo a posição que toma no campo do escudo um animal, diz-se:

Estante, quando firme sobre os pés.

Andante ou *passante,* quando representa caminhar.

Saltante, quando figura formar salto.

Trepante, quando encostado a qualquer movel simúla trepar por elle.

Rompente, (e esta designação é muito commum no leão) quando se apresenta de perfil, a prumo, apoiado sobre as patas trazeiras, e tendo das dianteiras a dextra erguida para o *chefe* do escudo, e a sinistra descahida para o *contra-chefe.*

Armado, d'este ou d'aquelle esmalte, quando garras e dentes lhe são passados com esse esmalte.

Linguado, de côr ou metal, sempre que tem a lingua tingida d'esse esmalte.

Um leão diz-se *aleopardado* quando o vemos caminhar tendo firmadas as duas patas trazeiras, e as de diante uma erguida na direcção do corpo, outra firmada tambem.

Diz-se *batalhante*, quando em posição *rompente* figura arremetter contra outro leão que se lhe defronta.

Um leopardo póde tambem ser *rompente, nascente, armado, perfilado* e *andante*.

Uma aguia diz-se *membrada* e *armada* de qualquer esmalte, quando as suas pernas e garras são figuradas com esse mesmo esmalte.

O que dizemos da aguia póde applicar-se a qualquer das aves de rapina adoptadas na armaria, como o falcão, o açor, etc., etc.

Quando em um campo, cortado ou partido de dois esmaltes, se assenta sobre a intersecção d'elles uma figura qualquer, que, pelo facto, fica dividida em duas partes, uma para cada esmalte, é de uso que as duas partes da figura se componham dos mesmos esmaltes do campo, mas em sentido opposto.

N'este caso, a figura em questão costuma dizer-se: *entrecambada* d'este e d'aquelle esmalte. E' o termo heraldico.

E' agora occasião de nos referimos aos *filetes negros*. Dá-se este nome a linhas sempre delgadas e negras que se encontram ás vezes no campo do escudo, ou separando qualquer figura do mesmo esmalte que o campo, ou simulando as divisorias de uma muralha.

*

Acompanharemos a descripção succinta que vamos fazer de cada figura, pela indicação em italico de alguns dos brasões portuguezes onde ella se encontra, seja no escudo, seja no timbre.

Estes brasões póde o leitor encontral-os no

accurado e excellente livro do Sr. Bramcaamp Freire: *Os Brasões da Sala de Cintra,* e em outras obras de genealogia nacionaes.

As **Estrellas** *(Fig. 75).* — Quando se lhes

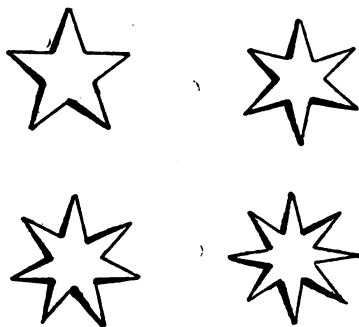



Fig. 75

não designa o numero dos raios, entendem-se ordinariamente de cinco. Ha as tambem de seis, sete e oito. *(Barbudo, Carvalho, Arvéllo).*

O **Sol** *(Fig. 76).* — Figura-se pela expressão que o vulgo lhe dá: um circulo com olhos, na-

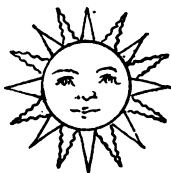



Fig. 76

riz e bocca. Tem dezeseis raios: oito hirtos e

oito serpeados, alternadamente. Diz-se nascente, quando contiguo ao angulo dextro do chefe; e

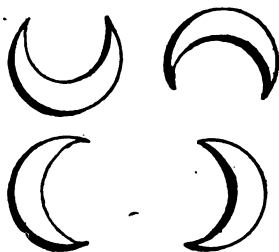



Fig. 77

ponente quando ao sinistro. Representa a luz, a gloria, o oriente, as victorias da cruz. *(Fragoso, Ortiz).*

O **Crescente** *(Fig. 77).* — De ordinario figura-se com as pontas para cima. Quando no sentido contrario, ou quando voltadas para a dextra e sinistra do escudo, é força que isso se indique. *(Pinto Alpoim, Amaral, Padilha).*

Frequentes vèzes encontramos uma figura composta de quatro crescentes, todos unidos

Fig 78

pelas pontas, e formando umas vezes cruz e outras aspa. E' o que em armaria se chama uma

caderna. Note-se que quando a caderna se apresenta em aspa, é preciso designal-o, (*Fig. 78*). (*Sousa, Carvalho, Lemos*).

O crescente é ainda o symbolo do predomi-

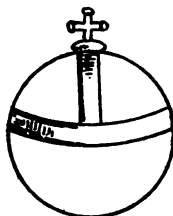



Fig. 79

nio da cruz. Os cruzados ornavam com elle os escudos e nós tambem com elle symbolisavamos as nossas correrias e jornadas contra a moirama.

O **Mundo** (*Fig. 79*). — E' o globo terrestre. E' sempre encimado por uma cruz. (*Fialho*).

O **Fogo** (*Fig. 80*). — Costuma dar-se a fór

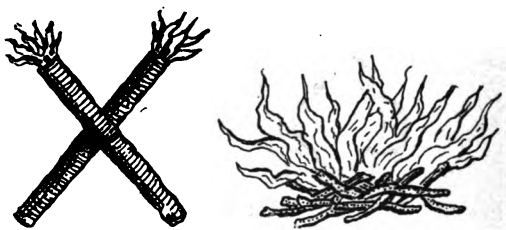



Fig. 80

ma de um ou mais brandões accesos, quando se

não representa por labaredas. *(Alma, Fogaça, Alemo).*

A **Agua**. — Figura-se umas vezes de prata com meia tinta azulada, outras ondeante em faxas, a primeira de prata e a segunda de azul. *(Moraes, Couto).*

O **Homem**, a **Mulher**. — Ordinariamente, quando figuras humanas completas se apresentam no escudo, são como fazendo parte accessoria de outras figuras, e nunca isoladamente. Ha todavia excepções, como nos brasões de armas de cidades e villas. Vejam-se por exemplo os do Porto, Evora e Faro.

Quando figuras humanas se ostentam no escudo, são sempre com a sua côr natural. N'este

Fig 81

caso descrevem-se pelas expressões : *de sua côr,*

ou de *encarnação,* segundo os termos da armaria.

O **Braço** *(Fig. 81).* — O direito representa-se partindo do lado sinistro do campo e o esquerdo do lado dextro, chegando a mão ao meio do escudo. Póde ser nu, vestido, ou armado de ferro. *(Corte-Real, Aboim).*

A **Mão** *(Fig. 82 e 82-A).* — Dizem-se *espal-*

Fig. 82

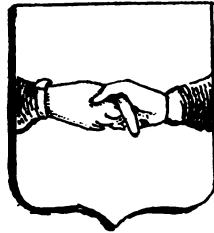



Fig 82-A

madas quando abertas e mostrando a palma. Outras vezes são duas, apertando-se uma á outra no meio do campo, e partindo cada qual do seu lado. E' o que se chama em armaria *uma fé. (Barata).*

Os **Ossos** *(Fig. 83 e 83-A).* — Podem ser direitos ou curvos. Quando curvos, representam costellas e chamam-se *costas. (Corte-Real, Costas).* As costas são sempre moventes da dextra e sinistra do escudo.

O **Leão** *(Fig. 84)*. — Sempre de perfil, e

Fig. 83

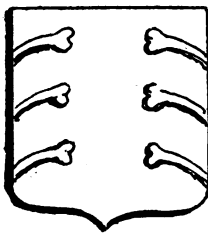



Fig. 83-A

quando isolado, voltado ordinariamente para a dextra. A cauda parte da base, com a fórma de um S deitado para o dorso do animal e a extremidade volta para a sinistra. A lingua sae-lhe da bocca aberta recurvando-se para as ven-

Fig. 84

tas. Já no principio d'este artigo tratámos das fórmas que o leão apresenta no escudo. *(Noronha, Castro, Silva)*.

Frequentemente vemos apenas a cabeça do leão, bocca escancarada, lingua sahida e curva para a parte superior. A base da cabeça termina em juba hirsuta e muitas vezes sangrenta. *(Campos).*

O **Leopardo** *(Fig. 85).* — De ordinario andante ou passante. Distingue-se do leão por

Fig. 85

mostrar sempre o rosto de face. Quando erguido sobre as patas trazeiras, ou *rompente*, diz-se *Leopardo aleonado. (Borges, Coutinho).*

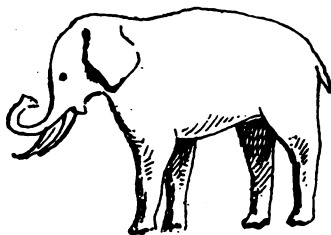



Fig. 86

O **Elefante** *(Fig. 86).* — De perfil sempre e andante. *(Gonçalo Mendes de Valdez).*

O **Urso** *(Fig. 87)*. — De perfil e andante. *(Fajardo, Arvello)*.

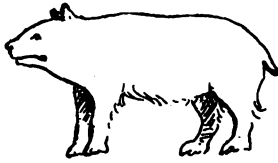



Fig. 87

A **Onça** *(Fig. 88)*. — De rosto, passante ou rompente. *(Pitta, Ataide)*.

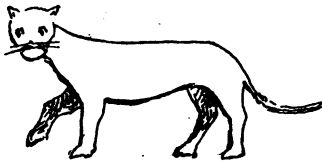



Fig. 88

O **Lobo** *(Fig. 89)*. — Como a onça. *(Lobo, Navarro, Lobato)*.

Fig. 89

A **Raposa** *(Fig. 90)*. — Como o lobo. *(Carrilho, Raposo)*.

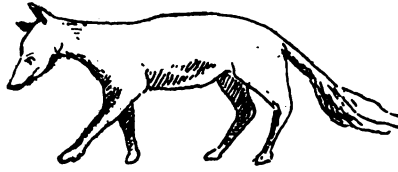



Fig. 90

O **Camello** *(Fig. 91).*—Andante. *(Camello).*

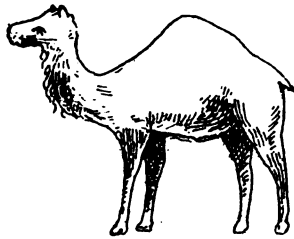



Fig. 91

O **Cavallo** *(Fig. 92).* – Empinado, de ordi-

Fig. 92

nario. Póde ser sellado e bridado, mas n'este caso com differente esmalte. *(Faro, Tavares).*

O **Alão** ou **Lebréu** *(Fig. 93.)*—De perfil

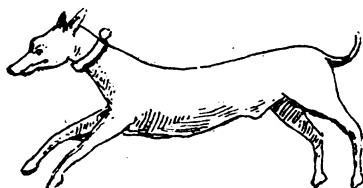



Fig. 93

e correndo. São vulgarmente galgos, *(Castilho, Alvo).*

O **Boi**, o **Touro**, o **Bufalo** *(Fig. 94).*—

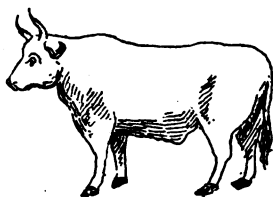



Fig. 94

Andantes e de perfil. *(Bezerra, Tourinho, Sá, Pimentel).*

O **Veado**, o **Cérvo** *(Fig. 95).*—De perfil. Por vezes figura a cabeça apenas, de frente e armada. *(Cerveira).*

Fig 95

O **Coelho** *(Fig. 96).* — De perfil, para a dextra e agachado. *(Coelho).*

Fig. 96

O **Leitão** *(Fig. 97).* — Andante e de perfil. *(Leitão)*

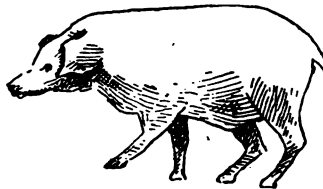



Fig 97

O **Carneiro** *(Fig. 98)*. — Como o veado e o boi. *(Carneiro)*.

Fig. 98

A **Cabra** *(Fig. 99)*. — De perfil e passante. *(Cabral, Baião)*.

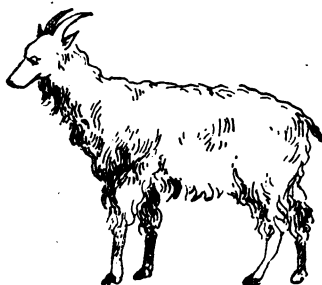



Fig. 99

O **Gato** *(Fig. 100)*. — Como a cabra. *(Gato, Gatacho)*.

Fig. 100

O **Lagarto** *(Fig. 101).* — De sua côr e picado d'oiro. *(Lagarto).*

Fig. 101

A **Serpe** *(Fig. 102).* — De perfil enroscada ou de pé, ondeante sobre a cauda, bocca aberta de onde sae a lingua. Frequentes vezes se representa apenas pela cabeça, *(Andrade, Serpa);* e outras por duas cabeças abocando cada uma

Fig. 102

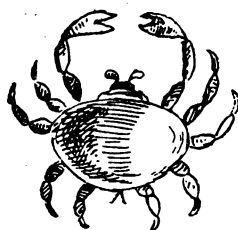



Fig. 103

os extremos de uma *banda* ou de uma *barra.* *(Foyos, Pitta).*

O **Caranguejo** *(Fig. 103).* — De frente. *(Monsanto).*

O **Esquilo** *(Fig. 104).* – De perfil e ao pé de agua. *(Braamcamp).*

Fig. 104

O **Peixe** *(Fig. 105).*—De perfil, mostrando as barbatanas. *(Vahia, Saraiva, Salema).*

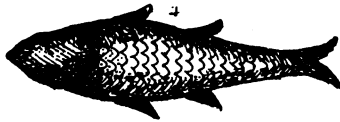



Fig. 105

O **Delfim** *(Fig. 106).*—De sua côr e entre ondas de prata. *(Tavora).*

Fig. 106

As **Conchas** *(Fig. 107)*. — Chamam-se *Vieiras* em armaria.

Eram as que os peregrinos traziam sobre os

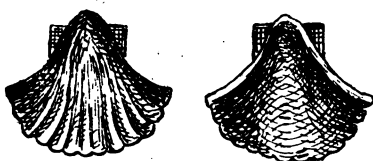



Fig. 107

escapularios e que, pela concavidade lhes serviam para beberem a agua dos caminhos.

Umas vezes apresentam no escudo a parte convexa, outras a concava, mas esta menos usualmente. *(Vieira, Sequeira)*.

A **Aguia** *(Fig. 108)*. — De frente, cabeça

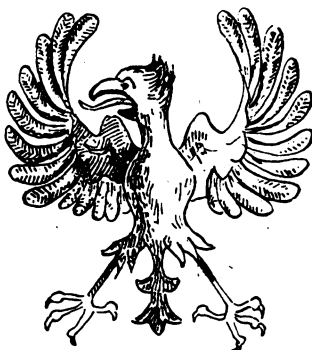



Fig. 108

para a dextra, azas e pernas abertas para cada

lado, ficando no meio d'estas ultimas a cauda aberta como um leque.

As azas são sempre abertas, com as pennas estendidas para a parte superior do campo. *(Almeida, Azevedo, Aguiar).*

O **Pelicano** *(Fig. 109).* — Um pouco voltado para a dextra estende as azas para cada

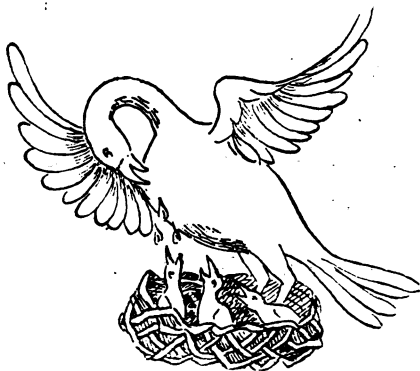



Fig. 109

lado, e ferindo o peito, de onde goteja o sangue, alimenta com elle tres filhos que lhe saem do ninho, a cuja beira elle se estriba. Era o emblema de D. João II de Portugal. *(Gomes).*

O **Falcão** *(Fig. 110).* — De perfil e pousado. *(Falcão).*

O **Açor** *(Fig. 111).* —Voando. *(Velloso, Nobrega).*

Fig. 110

Fig. 111

O **Abutre**. — Como o *açôr*. *(Magalhães, Utra)*.

O **Gavião**. — Como o *açôr*. *(Carreira, Gavião, Galvão)*.

O **Corvo** *(Fig. 112)*. — De perfil e quasi

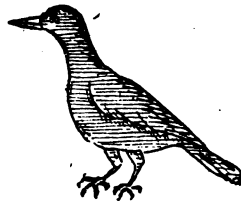



Fig. 112

sempre de sua côr negra. *(Lopes, Malafaia)*.

O **Cisne** *(Fig. 113)*. — Para a dextra e passante. *(Cisneiros, Carvalho)*.

O **Pavão** *(Fig. 114)*. — Sempre de frente e

cabeça para a dextra. Cauda aberta em circulo sobrepujando-lhe a cabeça. *(Paes, Amador)*.

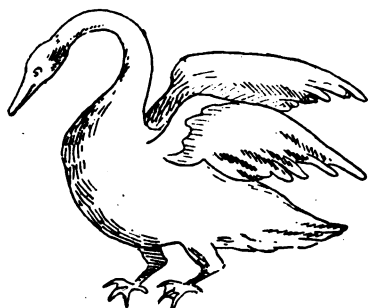



Fig. 113

O **Pombo** *(Fig. 115)*. — Volante. *(Baracho)*.

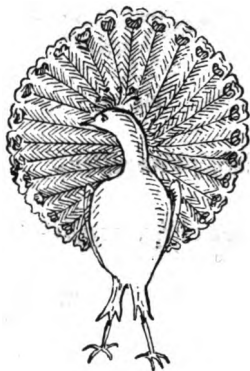



Fig. 114

A **Perdiz** *(Fig. 116)*. — De perfil e passante. *(Perdigão)*.

Fig. 115

Fig. 116

O **Pato** *(Fig. 117).* — O mesmo que a *perdiz. (Pato).*

O **Melro** *(Fig. 118).* — Sempre de sua côr

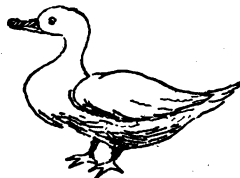



Fig. 117

e armado d'oiro. *(Vanzeller).*

As **Merlêtas** *(Fig. 119).* — Pequenos passa-

Fig. 118

Fig. 119

saros, de perfil e sem bicos nem pés. *(Nunes, Garmacho, Jérvis).*

As **Azas** *(Fig. 120).* — Apontadas para o chefe. *(Abreu, Manoel).*

Fig. 120 Fig. 121

As **Plumas** *(Fig. 121).* — Mais usadas nos timbres *(Motta).*

As **Abelhas** *(Fig. 122).* — Adejando em torno do cortiço. *(Abelho).*

Fig. 122

As **Arvores** *(Fig. 123).* — Quando mostram as raizes dizem-se *arrancadas.* Quasi todas as variedades d'arvores estão representadas na armaria. *(Guterres, Braamcamp, Loureiro, Pinheiro,* etc.).

Fig. 123

As **Folhas** *(Fig. 124)*. — Diversas especies de folhas de arvores ou plantas figuram na armaria. As de figueira *(Figueiredo)*, as de hera

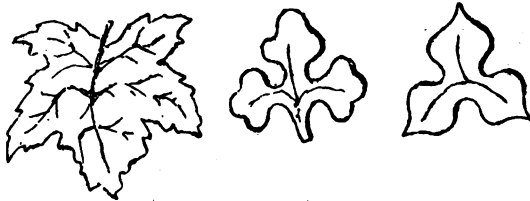



Fig. 124

(Barba), as de palmeira *(Braamcamp)*, a do trêvo *(Travassos)* e outras. Quando a folha de trêvo se apresenta sem o pé, toma o nome de *tercifolio*.

A **Rosa** *(Fig. 125)*. — De côr. Cinco pétalas exteriores, e entre ellas cinco botões. Sempre desabrochada. *(Lima, Mariz, Baldaia, Fogaça)*.

O **Lyrio** *(Fig. 126)*. — Uma pétala de frente pendida para baixo, e outras duas, uma de cada lado, na mesma posição e das quaes se vê ape-

Fig. 125

Fig 126

nas o perfil. Da parte superior de cada pétala saem os estâmes. O pé da flor rompe de um leque de folhagem *(Ribeiro)*.

A **Flôr de Liz** *(Fig. 127)*. — E' vulgarissima na armaria. Figura-se de tres pétalas, uma erguida e as de cada lado pendentes, recurvadas para dentro, e com as extremidades inferiores juntas á do meio.

Fig. 127

O **Cardo** *(Fig. 128)*. — Representa-se com a alcachofra aberta. *(Cardoso)*.

Os **Ouriços** *(Fig. 129)*. — Abertos no meio,

Fig. 128

Fig. 129

e mostrando o interior, que tem de ordinario esmalte differente. A haste folhuda. *(Nogueira, Castanheda)*.

Os **Montes** ou **Rochedos** *(Fig. 130)*. —

Fig. 130

De sua côr. *(Camara, Agra, Franco, Montenegro)*.

3 — Figuras artificiaes

Chamam-se figuras artificiaes a todas as que representam o producto da industria humana.

O numero d'estas figuras, a principio mais reduzido e consentaneo com a civilização dos

tempos, foi augmentando a par e passo das descobertas da sciencia e da evolução das artes.

De individuos nobilitados pelo trabalho, brasões recentes conhecemos, cujos emblemas eram, por absoluto ignorados, já não dirêmos dos bons tempos do pendão e caldeira, mas mesmo d'esses em que os nossos reis de armas tinham a força e o prestigio sufficientes para imporem as regras estabelecidas ao neo patriciado que, de alvedrio proprio, quer talhar os seus brasões.

Mas é melhor deixarmos arrasoados aqui superabundantes, e passarmos á descripção das figuras artificiaes.

Adagas *(Fig. 131)*. — As laminas, ordinariamente, de esmalte differente do dos punhos. *(Jorge Dias Cabral)*.

Fig. 131

Alfanges *(Fig. 132)*. — O mesmo que para as adagas. *(Murilha)*.

Fig 132

Anneis *(Fig. 133).* — São sempre de metal. *(Mascarenhas, Menezes).*

Fig. 133

Fig. 134

Argolas *(Fig. 134).* — São tambem sempre de metal. *(Braga).*

Fig. 135

Azagaias *(Fig. 135).* — De metal e côr, com uma pequena parte do conto annexa ao ferro. *(Franca).*

Banco de pinchar *(Fig. 136).* — Em Portugal, reunidas as Côrtes, era n'estes bancos, que, ao lado dos Reis, se sentavam o Principe e os Infantes. Sobre o escudo real que um e outros usavam, punha o Principe o banco de

Fig. 136

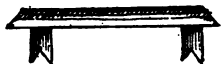



Fig. 137

pinchar de oiro com os tres pés descobertos, e os Infantes a mesma figura com um pé descoberto e os outros occultos por pendentes blasonados.

O banco de pinchar atravessa o escudo real na parte do chefe occupada horisontalmente pelos tres castellos.

Bancos (*Fig. 137*). — De côr e com seus pés. (*Magriço*).

Bandeiras (*Fig 138*). — Podem ser de

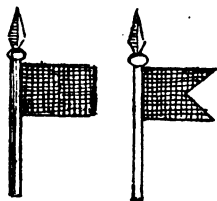



Fig. 138

metal ou de côr, e quadrangulares, ou de duas pontas. (*Moraes*, *Bandeira*, *Loureiro*).

Bombardas (*Fig. 139*). Ordinariamen-

Fig. 139

te representadas de sua côr. (*Fernandes*, *Canto*).

Bordão de S. Thiago (*Fig. 140*). — Em *pala* ou *aspa*. Na extremidade superior tem um nó, outro um pouco abaixo e é ferrado na ponta. A meio dos dois nós, um gancho na haste,

de onde pende a cabaça da agua. Tanto os nós

Fig. 140

como a ponteira costumam ser de esmalte differente do da haste.

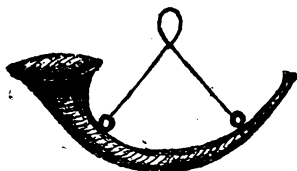



Fig. 141

Businas (*Fig. 141*). — De côr ou de metal. (*Monteiro*, *Pessoa*, *Espinosa*).

Cadeias (*Fig. 142*). — De metal. Muitas

Fig. 142

vezes pendem de membros humanos. (*Loureiro*, *Souto*).

Fig. 143

Caldeiras (*Fig. 143*) — De côr ou metal. (*Pacheco, Lara, Gusmão*).

Fig. 144

Castellos (*Fig. 144*). — De metal. Teem sempre mais de uma plataforma ou de uma ordem de ameias, e n'isso se differençam das torres. (*Alcaçovas, Salgado, Castillo*).

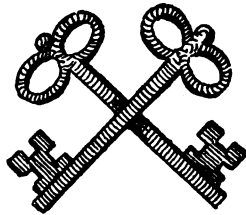



Fig. 145

Chaves (*Fig. 145*). — De metal ou de côr. Se se ligam põem-se em *aspa*. (*Cogominho, Fagundes, Argolo*).

Cidades. — Um conjuncto de edificações, torres e muralhas, sempre de metal. Assim era o primitivo escudo da cidade do Porto. (*Antunes*).

Columnas (*Fig. 146*). — De oiro ou prata. (*Ximenes, Encerrabodes, Cam*).

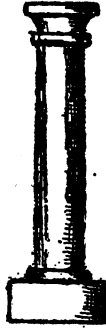



Fig. 146

Cordão de S. Francisco (*Fig.*

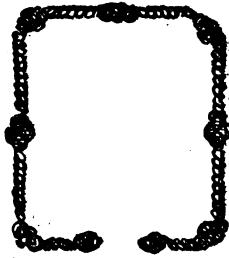



Fig. 147

147). — De sua côr. Costuma pôr-se em *aspa*, *cruz* ou *orla*. (*Gonçalves, Eça*).

Fig. 148

Coroas (*Fig. 148*). — De metal. São diademas abertos. (*França, Cortes*).

Correias (*Fig. 149*)—*Bandas e barras*

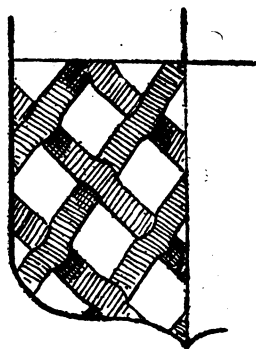



Fig. 149

estreitas repassadas umas pelas outras. De côr. (*Corrêas*).

Cunhas (*Fig. 150*). — Teem a figura de um trapezio regular, de cujos dois lados paral-

Fig. 150

lelos, o maior está voltado para o *chefe*, e o menor para a ponta do escudo. (*Cunha*).

Escadas (*Fig. 151*). — Figuram-se sim-

ples, isto é, duas hastes verticaes atravessadas de outras em maior numero representando os de-

Fig. 151

gráus. Quando encostadas a torres, representam escalada. (*Loureiro, Cabeça*).

Esfera armillar (*Fig. 152*). — De oiro. Teve-a D. Manoel no escudo antes de ter regulado a armaria. Mais tarde D. João VI adoptou-a quando rei, carregando-lhe em cima o

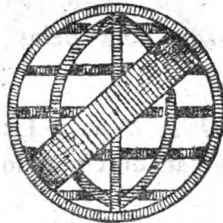



Fig. 152

escudo real. Depois da dissolução dos reinos unidos, isto é, depois da independencia do Brazil, a esfera desappareceu de novo do brazão real.

Espadas (*Fig. 153*). = De ordinario lamina e guarda são de esmalte differente. (*Feijó, Guerreiro' Avellar*).

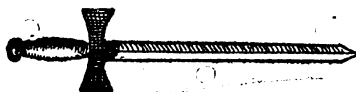



Fig. 153

Espigas de trigo (*Fig. 154*) — De metal. (*Farinha.*).

Fig 154

Esporas (*Fig. 155*). — De metal. (*Puga*).

Fivélas (*Fig*). *156*). — De metal. São pri-

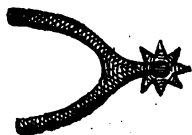



Fig. 155

Fig. 156

sões de cinta ou talabarte. (*Zuzarte*, *Mesquita*, *Calvo*).

Gomis (*Fig. 157*). — De metal, com azas e tapadeiras. (*Gomide*).

Fig. 157

Fig. 158

Guantes (*Fig. 158*). — São manoplas de armadura. (*Guantes, Elvas*).

Jarras (*Fig. 159*). — De azas e com flores. (*Belleza*).

Fig 159

Lanças (*Fig. 160*). — De metal, e com

Fig. 160

uma pequena parte do conto mas de esmalte diffrente. (*Mendes*, *Fortes*).

Maças (*Fig. 161*). — De metal ou côr.

Fig. 161 Fig. 162

Sempre cravadas de pontas, tendo estas esmalte differente. (*Macedo*, *Avilez*).

Machados (*Fig. 162*). — São de metal, em *aspa* ou *roquete*. (*Machado*).

Mós (*Fig. 163*). — De metal. (*Molina*).

Muletas (*Fig. 164*). — De metal e côr. São de seis raios com orificio no centro, re-

presentando a roda das esporas. (*Mousinho*)

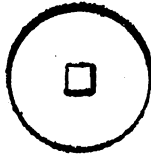



Fig. 163

Fig. 164

Navios (*Fig. 165*). — Deve sempre indicar-se a qualidade, náu, caravella, etc. Representam-se com ou sem panno. A designação

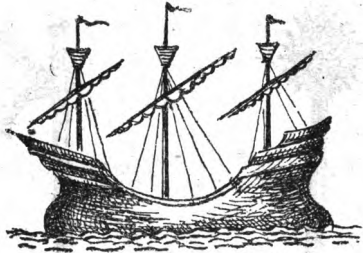



Fig. 165

simples do navio obriga-o a tres mastros. Veja-se o brasão da cidade de Lisboa.

Pás (*Fig. 166*). — De metal. (*Padilha*).

Fig. 166

Pendões (*Fig. 167*). — Umas vezes de um só esmalte, outras listrados. (*Santiago*).

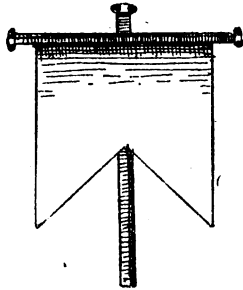



Fig. 167

Pontes (*Fig.* 168). — De côr ou metal. Deve sempre designar-se-lhe o numero dos arcos. (*Prego*, *Malheiro*, *Ponte*).

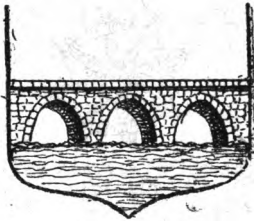



Fig. 168

Punhaes (*Fig.* 169). — Como os alfanges e adagas. (*Ayres*, *Cacho*).

Fig. 169

Redomas (*Fig* 170). — Como as jarras. (*Bermudes*).

Fig. 170

Róda do Santa Catharina

Fig. 171

(*Fig. 171*). — De sua côr, com as navalhas de metal. (*Castro* ,*Almança*).

Settas (*Fig. 172*). — De côr ou de metal,

Fig. 172

mas variando de esmalte o cabo e o ferro, e outras vezes as pennas. (*Mendanha*, *Pegado*).

Torres (*Fig. 173*). — De côr e metal,

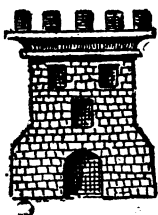



Fig. 173

com ameias, portas e frestas, cujo esmalte se deve indicar. (*Faria Malafaia, Goios*).

4 — Figuras chimericas

São animaes phantasticos tirados á mythologia ou creados pela imaginação dos poetas. Vamos occupar-nos dos mais em uso na nossa armaria.

Aguia bifronte (*Fig. 174*). — De metal ou de côr. Representa-se de azas estendidas, como dissemos na aguia propriamente dita, mas

Fig. 174

tem duas cabeças e dois pescóços, que lhe nas-cem da parte superior do tronco, e se dividem para a *dextra* e para a *sinistra*. (*Themudo, Affonso, Guivar*).

Fig. 175

Amphiptéro ou **Serpente álea** (*Fig. 175*). De côr ou de metal. O corpo de uma serpente e duas azas de morcêgo. (*Camões, Bravo, Regras*).

Fig. 176

Dragão (*Fig. 1.6*). — De côr ou metal. A cabeça e as patas dianteiras, de aguia, as azas de morcêgo, corpo e cauda de crocodilo terminando esta em dardo. Tem sempre a boc-

ca escancarada, com a lingua sahida e recurvada para a parte superior da cabeça. (*Brandão, Albergaria*).

Grifo (*Fig.* 177). — De côr ou metal. Sempre de perfil e rompente. Parte superior do corpo de aguia com azas estendidas, parte inferior e patas, de leão. (*Cavalcante, Peralta*). Outras vezes sem azas (*Cunha*).

Fig. 177

Hydra (*Fig. 178*). — Com sete cabeças. Figura de serpente. (*Godinho*).

Fig. 178

Leão áleo *(Fig 179)*. — Figura de leão com azas estendidas. (*Serpa*).

Fig 179

Sagittario (*Fig. 180*). — Corpo de cavallo e tronco de homem, o tronco a prumo e

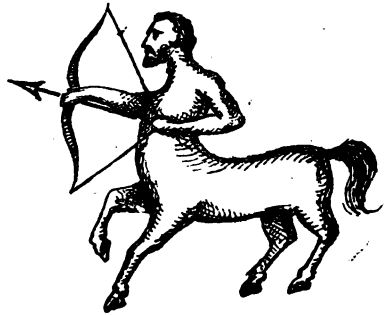



Fig. 180

despedindo a setta do arco. De côr; porém setta e arco de esmalte differente. (*Arco*).

Fig. 181

Sereia *(Fig. 181).* — De cor ou metal. Parte superior do corpo, de mulher; parte inferior, de peixe escamoso. *(Ornellas, Marinho).*

Fig. 182

Unicórnio *(Fig. 182).* — De metal ou cor. Figura de cavallo, em posição rompente, tendo no meio da fronte uma haste longa e aguda, que póde ser de esmalte differente. *(Teixeira).*

IV

Dos Elmos e dos Timbres

O **Elmo**, ou capacete, sobrepõe-se ao escudo, a meio do *chefe*. Tambem se usava antigamente collocal-o sobre o angulo sinistro do escudo, representando este obliquo, na direcção da *dextra* para a *sinistra*, costume porém cahido em desuso e hoje só empregado por phantasia.

O *Elmo* póde ser de oiro, prata ou aço polido, admittindo assim um novo metal, nunca usado no campo do escudo.

O oiro é exclusivo dos imperadores, dos reis, da familia imperial ou real, principes e duques soberanos *.

A prata é para os duques, marquezes, grandes dignitarios da corôa, condes, viscondes, barões com ou sem grandeza, e fidalgos de linhagem antiga.

---

* Na sala de Cintra os elmos dos infantes, figuram-se em prata. Todavia a regra é a que apontamos.

O aço polido é para os cavalleiros fidalgos e para a nobreza de moderna estirpe.

Os *elmos* dos Imperadores e dos Reis *(Fig.*

Fig. 183

183), são sempre tauxiados, tarados, isto é, postos de frente, de viseira toda aberta e sem grades.

Os dos Principes de sangue real e Duques

Fig. 184

Fig. 185

soberanos *(Fig. 184)*, são como os dos reis, mas com a differença de terem a viseira semi-aberta.

Os Duques e Marquezes, usam o *elmo* tarado de frente tauxiado de oiro e com onze grades de oiro tambem. *(Fig. 185)*.

Os Condes e os Viscondes teem o *elmo* de prata, tarado de um terço da frente com nove

Fig. 186

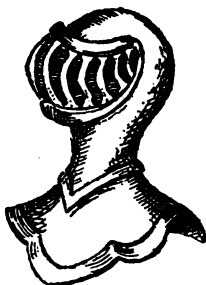



Fig. 187

grades de oiro e bordadura do mesmo metal. *(Fig. 186)*.

Nos Barões o *elmo* é tarado a tres quartos de frente, com bordadura e sete grades de oiro. *(Fig. 187)*.

O *elmo* dos Cavalleiros e Fidalgos de velha

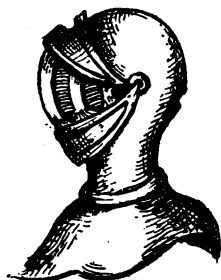



Fig. 188

estirpe, é de aço polido, tarado de perfil, com cinco grades e bordadura de prata. *(Fig. 188).*

Os Fidalgos de linhagem recente, devem usar *elmo* tambem de aço polido, de perfil e tres

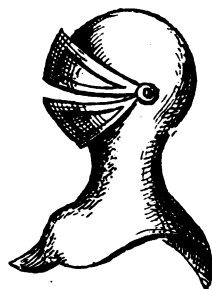



Fig 189 Fig. 190

grades de prata sem bordadura; e o burguez nobilitado, de aço polido mas de viseira callada e sem grades. *(Figs. 189 e 190).*

O *elmo* dos bastardos distingue-se por ser

Fig. 191

egualmente de aço polido e viseira calada, mas voltado para a sinistra. *(Fig. 191).*

Estas são as regras preceituadas na Armaria.

Digamos porém que hoje, soberanos, dignitarios e titulares, substituem o *elmo* coroado, pela *corôa* ou *coronel* simples, e os fidalgos cujo grau de nobreza lhes não permitte o uso do coronel, uns usurpam-o, e outros, mais conscienciosos, limitam-se a trocar o elmo de aço que lhes cabe, pelo de prata que lhes não compete.

Os **Timbres** são ornatos que se collocam na parte superior dos *elmos*. Constituem um uso que nos vem attestado desde tempos remotos.

Minerva tinha no *elmo* um mocho por emblema, e o mocho é ainda hoje, por esse motivo, o symbolo da sciencia. Marte usava um leão, Alexandre adoptára o mesmo emblema, e os reis do velho Egypto variavam entre leões, toiros e dragões.

O uso continuou atravez dos tempos. Vieram as cruzadas e os torneios prodigalisar aquelles distinctivos, mas diversificando-os ao sabor da phantasia. Ou tirados das partes integrantes do escudo, ou mesmo alheios a ellas, e tendo a principio um uso arbitrario, adstricto e pessoal, chegaram depois a fixar-se, perpetuando nas familias um distinctivo particular.

Dissemos que o *timbre* póde ser ou não ser tirado dos moveis componentes do escudo, excepção todavia feita das peças honrosas. Essas nunca alli devem figurar. Quando uma estirpe usa *timbre* hereditario, os ramos lateraes da fa-

milia devem mudal-o quando adoptam o mesmo brasão.

Os cavalleiros que não teem *timbre* substituem-o por plumas que partem da parte superior do *elmo*, e cahem sobre a posterior.

V

Dos Paquifes ou Lambrequins

Costumavam outr'ora os cavalleiros, para se resguardarem dos raios do sol, dardejando sobre o aço brunido dos *elmos,* cobril-os com uma especie de capello leve e alvadio. Este capello veio a transformar-se com os tempos em um véu fluctuante, que, partindo da *cimeira* e cahindo sobre as espaduas, constituia um adorno gracil, ainda hoje não desdenhado pelos corifeus da equitação. Generalisando o uso, generalisaram-se e modificaram-se as fórmas do véu, até se fixarem na folhagem do acantho, hoje a fórma usual.

Estes adornos teem, em Armaria, o nome de **Paquifes.**

E' de regra que os esmaltes dos *paquifes* sejam sempre os mesmos que os dos moveis e do campo, cahindo dos dois lados do *elmo* para a *dextra* e *sinistra* do escudo, em fórma de arabescos.

O brasão real manuelino, que se vê no fron-

tispicio d'este trabalho, indica a fórma e a disposição dos *paquifes*. Convém notar que, observada a regra sobre as côres, esta fórma é sempre variavel e caprichosa.

Sobre o *elmo* usava-se antigamente uma volta de coiro, dos mesmos esmaltes que os *paquifes*, e que servia para os fixar. Esta volta empregada tambem para amortecer os golpes vibrados á cabeça, tem o nome de *rolête*. Hoje, na illuminura ou gravura dos brasões, põe-se na parte superior do *elmo*, assentando sobre ella o *timbre*.

VI

Das Coroas e Coroneis

Comecemos pela **Tiára**, ou *Corôa papal, (Fig. 192)*. A *tiára* é uma mitra de oiro, toda coberta e encimada por um globo e uma cruz. E' circumdada por tres diademas, de oiro tambem, cravejados de pedrarias. Do interior

Fig. 192

d'ella sahem e pendem para cada lado duas fitas ou *bandas* semeadas de cruzes. O primeiro dos diademas representa o papa como sacrifi-

cador soberano, o segundo como juiz supremo, e o terceiro como legislador exclusivo da christandade.

Corôa se chama propriamente ao diadema imperial ou real.

Tanto as corôas imperiaes como reaes, aquellas mais que estas, variam de fórma, segundo os paizes respectivos; mas convem notar que as imperiaes são sempre cobertas em feitio de mitra, e as reaes fechadas por hastes sobre o diadema.

A corôa real portugueza *(Fig. 193)*, como agora a mostram a moeda, os documentos, e os

Fig. 193

sellos officiaes, é composta de um diadema de oiro, circumdado por oito folhas de trevo, de onde partem oito hastes de oiro, em arco abatido, mais largas no meio que nas extremidades, ornadas cada uma longitudinalmente por um fio de perolas, e vindo todas oito juntar-se no meio do disco pela extremidade superior. Esta juncção das oito hastes sustenta, no ponto do contacto, um globo e uma cruz tambem de oiro.

As corôas que usaram os reis portuguezes das primeira e segunda dynastias eram abertas e variavam de fórma. Foi D. Sebastião, o primeiro dos nossos reis que, trocando o titulo de Alteza pelo de Magestade, substituiu a corôa ducal do seu escudo pela corôa fechada, já então em uso, como symbolo de realeza, tanto na peninsula como em França e Inglaterra. E não tinha D. Sebastião menos direito para o fazer, se attendermos ao poderio portuguez de aquella época.

As *coròas* do Principe ou da Princeza real são fechadas como as do Rei e da Rainha. As dos Infantes e Infantas são de oiro, abertas e com o dragão d'oiro nascente por timbre.

A's corôas abertas dá-se o nome de *Coroneis*. Cabem, consoante a sua fórma, aos duques, marquezes, condes, grandes do reino, viscondes e barões. Tambem são de oiro. Damos-lhe a descripção:

Duque *(Fig. 194).* — Um diadema rodeado de oito florões de trevo, com perolas e pedraria.

Fig 194

Marquez *(Fig. 195).* – Diadema de quatro florões de trevo, e quatro hastes encimadas por trez perolas em triangulo, tambem de pedraria.

Fig. 195

Condes e **Grandes do Reino** *(Fig. 196)*. —Diadema com pedraria, de dezeseis hastes salientes, terminando cada um em uma perola grossa e todas eguaes.

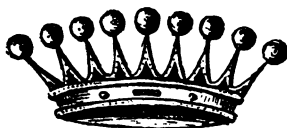



Fig. 196

Visconde *(Fig. 197)*. — Diadema de pedraria, com quatro hastes encimadas cada uma por

Fig 197

uma perola grossa, e entre estas outras tantas com perolas menores.

Fig. 198

Barão *(Fig. 198).* — Diadema simples, com pedraria, onde se enrola um fio de perolas delgadas.

*

Foi costume antigo figurarem as *corôas* sobre os *elmos,* mas esse uso caducou. Hoje o escudo do titular é encimado pela corôa respectiva onde se assenta o *timbre.*

Assim fôra observado algum escrupulo na adopção d'estas corôas, que temos visto arbitrariamente figurando nos brasões de tantos que a ellas não teem o minimo direito.

*

Não queremos deixar de fazer allusão á *corôa mural,* privativa das cidades sem titulo

Fig. 199

nobiliarchico, como, em Portugal, Lisboa por exemplo. E' uma corôa formada de muralhas e torres com portas e frestas. *(Fig. 199).*

*

As dignidades da Egreja não usam corôa sobre os seus escudos. Costumam substituil-a por

um chapeu de abas largas e direitas, de cujo interior saem e pendem dois cordões entrelaçados, com um numero de borlas relativo á dignidade. Assim:

O **Chapeu de Cardeal** *(Fig. 200)*, é todo

Fig. 200

encarnado, bem como cordões e borlas, sendo estas em cinco ordens.

O de **Arcebispo** *(Fig. 201)*, é verde e quatro as ordens de borlas.

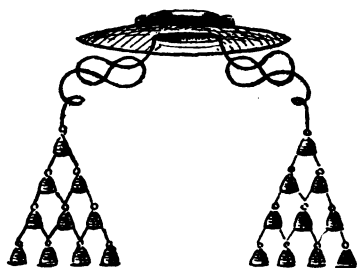



Fig. 201

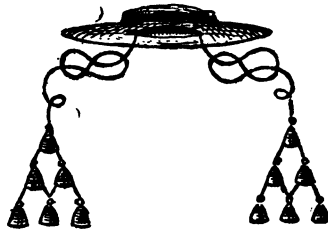



Fig. 202

O de **Bispo** *(Fig. 202),* verde tambem e tres as ordens de borlas.

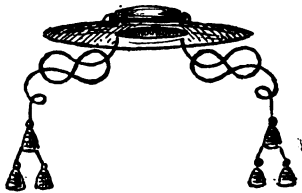



Fig. 203

O de **Protonotário** ou **D. Prior** *(Fig. 203),* de negro e duas as ordens de borlas.

VII

Dos Supportes

São figuras de animaes, buscados na realidade ou da phantasia, para se collocarem, como guarda e apoio, á dextra e sinistra do escudo. Podem ser tirados dos moveis d'este, ou escolhidos independentemente. O leão, o lobo, o cavallo, o gripho, teem frequentemente servido para o effeito.

Outr'ora os *supportes* eram privativos dos escudos régios ou dos de personagens da mais elevada categoria; porém o seu uso foi-se depois generalisando, em França muito principalmente. Em Italia, Hespanha e Portugal, é que elles nunca attingiram desenvolvimento digno de se notar.

VIII

Das Divisas e das Legendas

O estudo das *Divisas* constitue uma das secções mais curiosas e attrahentes da armaria applicada.

Não se nos afigura porém da indole d'este trabalho, e nem é mesmo nosso proposito, profundarmos aqui o assumpto. Para o fazermos teriamos de nos occuparmos de cada um dos brasões que se enfeitam de um moto qualquer, e a tanto montava entrarmos pelo campo genealogico, o que nos levava longe de mais.

Divisa era um lemma que os cavalleiros adoptavam como regra dos seus actos ou guia das suas aspirações. Podia umas vezes ser privativa d'aquelle que a usava, e outras hereditaria na sua estirpe.

Não seria exhuberante a safra que o investigador paciente podesse arrecadar n'este campo de estudo, pelo que respeita a Portugal; todavia muitas familias, ainda assim, houve e ha entre nós, a começar pelas reaes que adoptaram divisas e as apresentaram no seus brasões.

A de D. João I era, *Por bem,* ella lá está profusa em uma sala do Paço de Cintra, e os Infantes, seus filhos, tinham tambem cada um a sua. *Loyauté ferai tan que serai,* era a de D. Duarte, e *Désir,* a do heroe da Alfarrobeira o malogrado infante D. Pedro. D. João II, o principe perfeito, dedicava-se *Pola ley e pola grey.* D. Manoel adaptára uma esphera com o moto, *Spera in Deo et fac bonitatem,* e até a Excellente Senhora, no seu resaibo pela perda de um throno, introduziu nas suas armas as de Castella com a legenda: *Memoria de mi derecho.* A divisa dos Braganças é: *Depois de vós...* isto é: Depois de vós, nós, figurando as reticencias uns nós.

A par das divisas temos a registar as *legendas.* As divisas, quando acompanham o escudo, devem, sendo longas, circumdal-o exteriormente, inscriptas de ordinario em fita ondeante que parte do cantão dextro para o sinistro do chefe. Se são de poucas palavras, a fita vae apenas do cantão dextro da ponta para o opposto.

As *legendas,* essas, vêem-se no campo como bordadura ou orla, quando não estão expressas por iniciaes nos proprios moveis. Para a primeira hypothese serve-nos o exemplo, acima referido, quanto á Excellente Senhora; e para a segunda damos o escudo dos Carreiras, que tem sete gaviões negros, cada um com sua letra no peito, e formando todas juntas a palavra: *Requiem.*

*

Outros exemplos adduziriamos se nos parecessem uteis á clareza do nosso texto; mas nem taes os suppomos, nem mesmo nos conviria fazer selecções por nosso arbitrio. Alem de que, repetimos, o estudo das *divisas* e *legendas* encontra na genealogia o seu logar proprio e especial.

CONCLUSÃO

Cremos ter deixado codificadas, com a clareza possivel, as regras em que se apoia a Armaria. Procurámos ser breves, com receio de que o assumpto, pela sua natureza um tanto abstracta, se tornasse árido ao leitor. Resta-nos todavia, observar que a descripção dos brasões, isto é, a blasonagem, para nos servirmos do termo technico, tem um estylo especial, usado pelos seus peritos, que prima pela sobriedade, e que, diriamos de telegramma, se á dicção telegraphica podesse, sem quebra de respeito, attribuir-se elegancia e grammatica.

Tome o leitor o citado livro *Os Brasões da Sala de Cintra*, e leia-lhes a descripção, que nos parece magistral, sem archaismos heraldicos ou periphrases inuteis. Infelizmente incompleto, aquelle trabalho é, ainda assim, de valioso recurso para o estudo da Armaria patria, estudo a principiar na sua origem, pois que, as estirpes alli inscriptas são das mais antigas de

Portugal. Agora, sobre qualquer duvida de interpretação technica, e para qualquer significado menos simples, cá está o nosso modesto *vade-mecum,* que, provavelmente, esclarecerá a consulta.

E', justamente, para o que elle se propõe servir.

INDICE

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
COMSIGO A FAMA LEVA
LIVRARIA MODERNA
95-RUA AUGUSTA-LISBOA